

COLEÇÃO APLAUSO **PERFIL**

JORGELLOREDO

O PERIGOTE DO BRASIL

CLÁUDIO FRAGATA

Imprensa oficial

Jorge Loredó

O Perigote do Brasil

Jorge Loredó

O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

| imprensaoficial

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Este livro é dedicado a Cleunice Rocha, que,
como eu, é fã de Zé Bonitinho.*

Cláudio Fragata

Introdução

Não me lembro da primeira vez que vi Carlitos. Ou Drácula, Cantinflas, Zorro, Gordo e Magro, embora esses personagens tenham muito cedo entrado em minha vida. Mas lembro com exatidão da primeira vez que vi Zé Bonitinho.

Eu morava em Marília, no interior de São Paulo e tinha uns 11 anos. Naquela época, levar a imagem da televisão ao interior exigia uma complicada logística de torres repetidoras. As imagens que chegavam à minha casa vinham de Londrina, no Paraná. E, por incrível que pareça, eram de programas produzidos no Rio de Janeiro.

13

Num deles, suponho que fosse *A Praça da Alegria*, da TV Rio, vi um sujeito magrelo como um palito que, de diminuto, tinha apenas o bigodinho. Tudo o mais era mega. Usava um topete colossal, camisa de bolas imensas e, na lapela, uma flor do tamanho de um girassol. Falava rápido, gesticulava muito e lançava à câmera olhares sedutores como só um tremendo canastrão é capaz de fazer com tanto empenho.

Subitamente, tirou um pente enorme de dentro do paletó e se pôs a retocar o cabelo. Em seguida, com a destreza de um prestidigitador, fez surgir um espelho também enorme no qual

se mirou com o encantamento de um Narciso do subúrbio. Antes que eu me recuperasse da estupefação, ainda tirou do bolso uma lima gigantesca e se pôs a lixar calmamente as unhas enquanto dizia seu *script* à beira do *nonsense*.

Era Zé Bonitinho, claro.

Passados quase 50 anos, jamais o esqueci. Mais do que isso, nunca deixei de amá-lo.

14

Vejo que não estou sozinho nessa. O personagem continua mais vivo do que nunca e não é só na tela da TV. Basta digitar seu nome no Google para que milhares de páginas se abram. Lá está Zé Bonitinho citado em *sites* e *blogues*. Muitas vezes, por jovens que nunca ouviram falar em Jorge Loredó, o ator que deu e dá fôlego a ele.

Zé Bonitinho transcendeu ao seu criador. É um patrimônio nacional. Virou ícone, símbolo, mito, tem vida própria. Uma coisa impressionante. Analistas podem explicar o fenômeno recorrendo ao inconsciente coletivo e ao poder dos arquétipos. De minha parte, estou certo de que a longevidade do personagem está intimamente ligada ao talento de Jorge Loredó.

Embora esteja no coração de todos os brasileiros, Jorge é carioquíssimo e mora no Rio de Janeiro, cidade da qual nunca pensou em sair.

Nossos encontros foram sempre no Hotel San Raphael, no Largo do Arouche, onde Jorge se hospeda quando vem a São Paulo. Faz isso todas as semanas, para gravar sua participação em *A Praça É Nossa*, do SBT. Quase sempre se instala no mesmo apartamento, que não tem carpete nem tapetes, por causa da alergia à poeira. Até hoje se preocupa com a respiração e a voz. Na véspera da gravação, faz apenas refeições leves. Não gosta de se sentir pesado quando entra em cena. E, depois de um problema respiratório que o afastou do trabalho e obrigou-o a interromper nossas entrevistas por alguns meses, passou a fazer inalação antes de encarnar Zé Bonitinho. Apesar da familiaridade com o personagem, Jorge o interpreta com o rigor de um ator metódico. Qualidade que nunca abandonou ao longo de toda a sua carreira, seja na televisão, no teatro ou no cinema.

15

No total, foram seis encontros, que totalizaram mais de 12 horas de conversa. Em todos, Jorge me recebeu sempre com gentileza. Ele é um lorde. Uma característica que pode surpreender quem o conhece apenas dos programas populares de humor, mas que não passa despercebida de seus colegas de televisão. *Jorge é um cavalheiro*, diz a atriz Sônia Almeida, a bonita que contracena com Zé Bonitinho, em *A Praça É Nossa*. Educadíssimo, faz questão de cumprir

o ritual das etiquetas: *Por favor, sente-se, fique à vontade*, repetia ao início de cada uma de nossas entrevistas, depois de me cumprimentar. Quase sempre me esperava à porta do elevador para, cortesmente, conduzir-me ao apartamento. Fala baixo e sem pressa. Ao longo de nossos papos, não disse um palavrão sequer. Nada de descompostura. Pelo contrário, não dispensava o tratamento cerimonioso ao referir-se a um mestre ou colega: o *senhor* Paschoal Carlos Magno ou *dona* Ema D'Ávila. Mesmo assim, não posa de santo. *Já cometi os sete pecados capitais e, às vezes, sou reincidente*, confessou-me um dia.

16

Jorge tem uma relação de amor e ódio com Zé Bonitinho. Coisa que pouca gente imagina. Não precisa ser Freud para entender a razão. Ao mesmo tempo que lhe trouxe consagração nacional, o personagem o impediu de fazer outros papéis. Todos sempre quiseram, e ainda querem, Zé Bonitinho. Mas Jorge o considera apenas mais um entre os vários tipos que criou ao longo da carreira: o deputado Palestrino Conversildo da Silva, o guru hindu Saravabatana, o professor de português Luizclopédia, o costureiro Charles Paetê e vários outros. Admite, porém, que Zé Bonitinho tem *uma força estranha*, algo que ele mesmo não sabe explicar. Só não gosta de ser confundido com seu famoso personagem. *Meu Deus, são duas coisas muito diferentes*. O que

é bem fácil de constatar. Jorge é um homem discreto, quase tímido. Diz que nunca foi mulhengo: *Não mais do que a maioria dos homens*. Nada tem de conquistador barato. Muito menos de exibicionista. Começou no teatro, pelas mãos de Paschoal Carlos Magno, fazendo Shakespeare. Sempre se viu, antes de tudo, como um ator. Capaz de papéis cômicos ou dramáticos. Zé Bonitinho eclipsou a carreira do ator versátil para lhe dar fama. Que ele agradece. Mas lamenta a camisa de força que o personagem lhe impôs.

Sempre desconfieei que por trás de Zé Bonitinho havia um grande artista. Depois de passar horas conversando com Jorge Loredó descobri que, além disso, por trás do artista havia todo um tempo. De um Brasil que ria mais de si mesmo. De um Rio de Janeiro mais bem-humorado e menos violento. Tempo do Distrito Federal da Guanabara, do teatro de revista, dos cassinos, dos *shows* espetaculares de Carlos Machado. Jorge viveu a época de ouro do humor brasileiro. Foi contemporâneo e amigo de cômicos como Oscarito, Grande Otelo, Walter D'Ávila, Ronald Golias, Chico Anísio, Consuelo Leandro, Ankito, Costinha, Zezé Macedo, Catalano, Agildo Ribeiro, Otelo Zeloni, Renata Fronzi, Carmen Verônica e muitos outros dos quais fala com um carinho reverente. Lembra com saudade do tempo em que autores e atores discutiam o *script* e construíam

o personagem a quatro mãos: *Hoje mal sabemos quem é o autor do texto*. Mas não desdenha do presente. Jorge é cheio de ideias.

18 Não para de pensar em novos projetos. Quer fazer mais cinema. Alçado aos *filmes de arte* pelo cineasta Rogério Sganzerla, na década de 70, foi redescoberto mais recentemente pelos diretores Selton Mello, Laís Bodanzky e Arnaldo Jabor. No teatro, ainda sonha com um espetáculo solo em que possa apresentar dublagens e outros números iguais aos que fazia no início da carreira. Diz que gostaria de representar um dos esquetes mais engraçados que já viu na vida – e que descreve neste livro – cujo único texto é a palavra *Arnaldo*. Quer fazer tudo de cara limpa. Quer entrar em cena como Jorge Loredó. Quer se despir de Zé Bonitinho. Ou talvez entre em cena caracterizado de Zé Bonitinho e vá tirando a maquiagem, a fantasia, a peruca, desconstruindo o personagem aos poucos. Até chegar a Jorge Loredó. De repente, pode não ser nada disso. As ideias são muitas. Mas, na televisão, seu maior sonho é voltar a encarnar o *Mendigo Aristocrata*, o primeiro personagem que criou, um mix de filósofo e de vagabundo. Este sim, seu verdadeiro alterego. *Ele é um humanista e todo humorista é um humanista*, diz. Tomara que Zé Bonitinho permita que isso aconteça.

Cláudio Fragata

Setembro 2009

*Garotas do meu Brasil varonil:
vou dar a vocês um tostão da minha voz...!*

Zé Bonitinho

Capítulo I

Prólogo, não: Monólogo

Eu morro de rir quando dizem que o *stand up comedy* é uma invenção americana. Antigamente, no teatro de revista, sempre havia um ator convidado para fazer um monólogo. Eram grandes comediantes que ficavam ali sozinhos em cena e o público vinha abaixo de tanto rir. O Mesquitinha era um desses cômicos maravilhosos, mas, quem se lembra? Pagano Sobrinho era outro rei do *stand up comedy*. Contava a piada e, se o público não entendia, dizia: *Vamos fazer ginástica mental*. Um gênio. Havia também o Badu. Quando a plateia não reagia, ele falava: *Bolotas... Bolotas... Bolotas de amor para vocês!*. Uma coisa assim meio *nonsense*. Fui muito influenciado por esses caras. Os monólogos de hoje não são novidade para mim. Cansamos de fazer isso. Só que agora é *stand up comedy*. Então, tá bom. Vamos na onda. Talvez seja essa a melhor maneira de contar minha história. Que outra coisa é falar sobre nossa própria vida senão um monólogo? A diferença do *stand up* é que nem tudo aqui é comédia. Mas vamos em frente. Estou com 84 anos. Já fiz muitos monólogos. Aqui começo mais um. Lá vou eu pra boca de cena. Luzes, por favor!



Zé Bonitinho

Capítulo II

Criador e Criatura

Às vezes, tenho vergonha de fazer o Zé Bonitinho. Algumas pessoas me perguntam se não sei fazer outra coisa. Claro que sei. Jamais quis ser ator de um personagem só. Quando vim para *A Praça é Nossa*, no SBT, pensei que faria o Mendigo, outro personagem criado por Manoel da Nóbrega para a *Praça da Alegria* e que interpretei durante anos com grande sucesso. Achei até que poderia fazer algum novo tipo, mas o Carlos Alberto me pediu o Zé Bonitinho. Fiquei pensando: *Puxa, vou fazer o Bonitinho mais uma vez, novamente vão achar que só sei fazer isso*. Pensei, pensei e, no fim, resolvi que ia fazer. Se nós envelhecemos, por que o personagem não pode envelhecer? Aí, sob essa ótica, o Zé Bonitinho começou a caminhar em outra direção. Claro que continua vaidoso e galanteador porque não admite a velhice. Só que, agora, as meninas dizem pra ele: *Ô tio, não se enxerga?* Foi uma maneira de renovar o personagem e não deixá-lo tão repetitivo. Mas fico constrangido, porque tem gente que olha pra mim pensando que não sei fazer outra coisa. É o preço que pago pelo carisma que o Zé Bonitinho tem. Sabemos que na dramaturgia e na literatura

acontece isso de personagens adquirirem uma força que é impossível controlar. Um amigo meu me aconselhou a colocar na cabeça, de uma vez por todas, que Charles Chaplin morreu fazendo Carlitos. O ator Mário Moreno morreu fazendo Cantinflas. Oscarito morreu fazendo Oscarito. O próprio Marcel Marceau fazia Pipi. Então, já vi que vou morrer fazendo Zé Bonitinho. Pelo jeito, ele vai virar avô, bisavô, tataravô... Transformou-se numa exigência do público. Há pouco tempo, fiz uma apresentação de cara limpa na Casa da Gávea, no Rio de Janeiro, a convite do ator Paulo Betti. Interpretei monólogos, canções e uma porção de coisas que sempre quis fazer. Isso me animou a bolar um espetáculo que ainda pretendo montar. Quero entrar em cena como Zé Bonitinho e, aos poucos, descaracterizá-lo até chegar ao ator Jorge Loredó. Tenho feito algumas experiências assim. Fui ao programa da Hebe Camargo e apresentei-me como eu mesmo regendo uma orquestra de verdade. Aí, na hora H, dizia que faltava o acorde e tal. Uma enrolação total para fazer as pessoas rirem. Esse é um tipo de número inspirado na minha vivência de teatro de revista e que adoro fazer. Assim, posso mostrar que tenho uma história, uma longa carreira no teatro e na televisão. E que sou um ator de muitas possibilidades. Não quero ser escravo do Zé Bonitinho.

Capítulo III

O Perigote das Mulheres

No Rio de Janeiro, existe a Praça Saens Peña, que era cercada por muitos bares e uma dúzia de cinemas, entre eles o Olinda. Era o nosso *point*. Zé Bonitinho nasceu ali. Eu tinha um colega chamado Jarbas, mais conhecido como Perigote das Mulheres porque era metido a conquistador. Usava um topete descomunal, o maior que já vi até hoje. O do Zé Bonitinho é idêntico ao que ele usava, assim como as costeletas tipo Dom Pedro I e o bigodinho fino. O Jarbas não podia ver um espelho e os botequins sempre tinham muitos. Mal chegava, já ia tirando o pente e se punha a pentear. Não satisfeito, ficava se olhando no espelho e fazendo caras e bocas. Não era um homem bonito, mas se julgava lindo. Tinha um grande amor por si mesmo. Era vaidoso, praticava halteres. Quando as meninas passavam, ele começava a cantar em inglês para se exhibir. Cantava *Strangers in the Night*, com voz de um Sinatra canastrão. Muito papudo, vivia dizendo que havia saído com tudo quanto é garota e feito isso e mais aquilo, mas a gente sabia que era mentira. Eu sempre fui muito observador, sacava as mutretas e ria dele interiormente. Quando o Jarbas não estava por perto, eu o imitava e todo mundo ria.



Zé Bonitinho

Um dia, passou em frente ao Cine Metro uma mulher lindíssima, que tinha fama de bem-casada e feliz. A gente, de pura safadeza, provocou o Perigote, dizendo que duvidávamos muito que tivesse saído com aquela mulher. Ele não perdeu a pose. Respondeu que nunca havia falado nada porque era um homem discreto, mas que, naquele exato momento, os dois iam se encontrar dentro do cinema. Explicou que, para despistar, ela entrava primeiro e ele depois. Não podiam chamar a atenção; afinal, a moça era casada. A mulher, de fato, entrou no cinema. Ele se despediu da gente apressado e entrou também. Ficamos desconfiados e resolvemos conferir. Demos um tempo e entramos também no cinema. A sala já estava escura e ele não percebeu nossa presença. Vimos então que a mulher estava lá na frente e ele várias fileiras atrás. Antes das luzes se acenderem, saímos correndo e ficamos esperando por ele na praça. Quando o Perigote se aproximou, nós perguntamos: *E aí?*. E ele: *Essa mulher me persegue... É louca por mim. Foram tantos beijos que nem vi o filme.* Esse era o Perigote!

27

Comecei a imitar cada vez mais o jeito que ele falava, os gestos que fazia para arrumar o cabelo, a postura, tudo. As pessoas pediam para que eu o imitasse nas festas. Todo mundo achava graça. Daí para o Zé Bonitinho foi um pulo. Só

que esse nome surgiu na minha cabeça depois de pedir um prato num restaurante de beira de estrada. Veio um bife de soltar fogo pela boca de tão apimentado. Quando reclamei, o garçom chamou o cozinheiro: *Zé Bonitinho, venha cá!*. Eis que surge da cozinha um sujeito feio pra caramba e com um dente só na boca. Pronto. Meu personagem estava batizado. No começo, tinha pensado em chamá-lo de Bárbaro. Mas mudei de ideia depois desse incidente no restaurante. Zé Bonitinho tinha tudo a ver. O personagem estava construído. Com o tempo, fui exagerando na composição. Acrescentei as roupas espalhafatosas. Transformei-o em uma caricatura ambulante. Foi aí que surgiram os óculos, o espelho, o pente, a flor da lapela, tudo em tamanho gigante, que mais tarde seriam imitados até por cidades do interior. Fui inventando bordões para ele: *Sou Zé Bonitinho, o homem mais bonito do meu Brasil varonil, quiçá of the world...* Ou então: *Estou cansado de ser bonito... Atente para o detalhe de meu cansaço: Arf! Arf!*. O mais famoso deles, que virou uma marca do Zé Bonitinho, é: *Câmera, close! Microfone, please!*. Eu intuía que o personagem daria certo. Mas nunca imaginei que teria essa força que tem até hoje. É amado por idosos, jovens e crianças. O Zé Bonitinho transformou-se em patrimônio nacional. Sem saber, criei um mito.



Zé Bonitinho

Capítulo IV

Parece Comédia

Um dia, lá pelos anos 50, abro o jornal e leio que estavam abertas as inscrições para um curso de formação de atores no Teatro do Estudante do Brasil – TEB, que era dirigido por Paschoal Carlos Magno. Eu era muito amigo de Sylvia Telles, que depois se transformou num dos grandes nomes da bossa nova. Naquela época, era ainda muito menina e sonhava ser bailarina. Tínhamos até feito juntos um número de dublagem na TV Tupi. Quando contei do anúncio, ela me deu a maior força e disse que faria o teste também. Lá fomos nós pra Santa Teresa. Assim que chegamos, entramos numa fila enorme. Ouvei os candidatos falando que iam fazer Shakespeare, Molière, Sófocles, Ibsen, só teatro clássico. Não tinha noção de nada disso. Pra mim, era palavrão. Um dizia que ia fazer *Hamlet*, outro dizia que faria *Rei Lear*, e mais outro que faria não sei quê lá. Comecei a me sentir um peixe fora d'água. Queria estudar teatro, mas não sabia que precisava fazer teste para isso. Pensei em ir embora, mas quando vi já estava na boca do leão: chegou a minha vez. A moça encarregada das inscrições perguntou o que eu ia fazer. Respondi que ia fazer comédia. E ela: *Um monólogo cômico?* Eu

respondi que sim, sem ter a menor ideia do que fosse um monólogo cômico. Foi aquele silêncio. Todo mundo me olhou. Cômico? Ali, só tinha de Shakespeare pra cima. Só tragédia. Como alguém podia ousar fazer comédia? Marquei o teste e fui à Praça Tiradentes. Fui pensando: *Meu Deus do céu, o que será que é um monólogo cômico? Olha o que fui inventar!*. Cheguei na praça e encontrei seu Mafra, um ator de opereta que eu gostava muito, naquela época já com mais de 80 anos. Fumava cachimbo, pintava o cabelo de preto tipo graxa de sapato e usava um bigodinho igual ao do Zé Bonitinho. Conte a história do teste. Ele me mandou ir à Talmagráfica. Era uma loja ao lado do Teatro Recreio, que só vendia coisas de teatro e circo, tipo perucas, maquiagem e libretos de textos de dramaturgia. Disse que eu comprasse *A Lira Teatral*, um livro só de monólogos. Escolhi um chamado *Como pedir uma loura em casamento*. Era a história de um sujeito que entrava em cena já pedindo desculpas ao público porque não podia se apresentar. Dizia que naquela noite ia pedir a mão da noiva em casamento, mas que não sabia como fazer isso. Perguntava se tinha alguém na plateia que pudesse dar alguma dica – já havia, na época, esse tipo de interação com o público. Decorei o texto e seu Mafra me ensaiou. Veja só, um homem de teatro, de opereta, perder tempo com um iniciante. E que

cara de pau a minha de fazer um teste onde só tinha Shakespeare, Tchecov e Eurípides. Mais assustador ainda era a banca examinadora: Bibi Ferreira, madame Henriette Morineau, Procópio Ferreira e o próprio Paschoal Carlos Magno. Era para deixar qualquer um de perna mole. Antes de mim, teve gente declamando *Ser ou não ser* e tal. Cheguei a pensar com meus botões: *O que estou fazendo aqui?*. Mas logo me chamaram e entrei em cena. Tirei primeiro lugar. Também era o único que concorria ao quesito comédia. Claro que eu podia ter sido reprovado, mas não fui. Meu nervosismo ajudou a compor o personagem, que era alguém muito nervoso com a ideia de pedir a mão da noiva. Eu fazia todos os personagens, o pai, a mãe, a noiva, o noivo e ainda a sonoplastia: batia na porta, *póc, póc, póc*, a porta abria, *nhéc...* e assim por diante. Quando o negócio terminou, esperava uma chuva de pedras, mas foi o contrário. Fui aplaudido tanto pelo júri quanto pela plateia. Cheguei a receber uma crítica no jornal *Correio da Manhã*. Era um crítico famoso, que me elogiou e disse que eu tinha futuro. Ainda me aconselhou a ler isso e mais aquilo. Fez uma crítica muito construtiva. Deve ter sido mesmo. Olha eu aqui. Com mais de 60 anos de carreira. Quanto à Sylvinha Telles, depois de fazer o curso de teatro, descobriu que o seu barato era mesmo cantar.

Capítulo V

Toques de Mestre

Assim que terminou a cena do meu teste, o senhor Carlos Magno me chamou e perguntou se eu estava disposto a trabalhar em *Romeu e Julieta*. Queria que eu fizesse o personagem Mercúcio. Aceitei e dei início aos ensaios no Teatro do Estudante. Descobri que tinha uma grande expressão corporal. Tanto é que fiz essa primeira peça como amador e logo comecei a me profissionalizar. Bem nessa época, veio ao Brasil o mímico francês Marcel Marceau, que foi visitar o Teatro do Estudante. O senhor Magno me pediu que subisse ao palco para servir de assistente ao mímico. Acabei ganhando dele uma porção de dicas e toques. Olha que privilégio! E eu nem sabia quem era Marcel Marceau, não tinha noção de nada. Depois fui assistir ao espetáculo dele no Teatro Municipal e fiquei maravilhado. Achei que aquilo não existia. Ele fazia um homem caminhando contra o vento. Qualquer um que visse aquilo juraria que estava ventando, que o homem lutava com uma poderosa ventania. Foi a partir desse instante que entendi a grandeza de um ator no palco.

Capítulo VI

Luzes da Ribalta

Não que o mundo teatral fosse completamente estranho para mim. Trazia da infância uma grande admiração pelo circo, pelo cinema e pelo teatro. Como minha saúde era frágil e eu vivia acamado, isolado de todos, meus pais, sempre que podiam, iam comigo ao teatro, ao circo e às famosas revistas da época para me alegrar um pouco. Meu pai tinha um terreno e costumava alugar para os circos que chegavam ao Rio. Minha mãe era costureira e pegava encomendas com os artistas. Remendava as fantasias de palhaço, as roupas dos mágicos, os vestidos das bailarinas. Eu fazia as entregas. Quando chegava lá, não perdia nada. Observava os atores ensaiando, os palhaços se pintando, pondo o nariz e tal. Quem reparar bem, vai ver que o Zé Bonitinho tem um pouco de palhaço. Eu ficava por ali e acabava assistindo aos espetáculos. Assim, sem perceber, fui me aproximando das luzes da ribalta. Minha carreira profissional começou em 1954, mas o circo, o cinema e o teatro já faziam parte da minha vida.

Capítulo VII

Ganhando um Tempo

Eu podia ter começado minha história do começo. Não é assim normalmente que começam as biografias? A minha tem início num subúrbio do Rio de Janeiro chamado Campo Grande, a duas horas e meia de trem Maria Fumaça do centro. Foi ali que nasci, no dia 7 de maio de 1925. Podia continuar dizendo que o nome de minha mãe era Luiza Rodrigues Loredó e o do meu pai Etelvino Ignacio Loredó. Resolvi não começar por aí porque tive uma infância alegre, mas da pré-adolescência em diante minha vida não foi das mais agradáveis. Aos 12 anos, adquiri uma doença chamada osteomielite, que é uma inflamação nos ossos. No meu caso, o problema foi no fêmur da perna esquerda. Sentia dores atrozes e não conseguia andar. Usei muleta, bengala e até cadeira de rodas. Começar um livro com uma história triste desanima qualquer um. Tirando algum maluco, ninguém gosta de baixo astral. Ainda mais que as pessoas costumam me associar de imediato com o Zé Bonitinho. Acontece que a vida de um ator cômico não é uma piada. Querendo ou não, temos também nossas dores, como todo mundo. Quem escapa disso? A dor que marcou minha infância e boa parte da



Foto da família Loredo

minha vida adulta foi a osteomielite. Uma dor física, bem real, nem estou falando de dores de amores. A doença me causou muito desconforto interior. Vivi bastante isolado. Era um garoto que não se relacionava com ninguém. Meu único amigo era cego. Eu perneto, ele cego! Não tínhamos namoradinhas e aquelas conquistas próprias da juventude. Nenhuma garota queria saber da gente. Não sei até hoje o que causou a enfermidade. Pode ter sido uma pancada ou alguma arte de moleque. Só sei que a osteomielite me acompanhou até os 46 anos. Não falo disso para que as pessoas sintam pena. São fatos de minha vida. Não posso deixar de falar de uma companheira dessas, por mais indesejável que ela tenha sido. Precisava ganhar um tempo para entrar no assunto. Agora, já falei.

Capítulo VIII

Atrás da Máscara

É até natural que as pessoas pensem que a vida de um comediante seja um mar de rosas. Se ele faz todo mundo rir, então só pode ser um sujeito feliz. Claro que isso não é verdade. Em primeiro lugar, um humorista é gente. Como todo mundo, tem altos e baixos. Dizem por aí que todo comediante é tímido e triste. Conheci Oscarito e ele era muito tímido fora do palco. Walter D'Ávila era mais do que tímido: era cerimonioso. Seu Castro Barbosa, um escracho em cena, era um lorde na intimidade. Viajei muitas vezes para São Paulo em sua companhia. Ele usava paletó, colete, um chapéu desabado, guarda-chuva no braço, sempre elegantíssimo. Chico Anísio é um cara sério, quase sisudo. Fiz uma temporada em Recife com Lolita Rodrigues e ela me dizia: *Pelo amor de Deus, tira os óculos ou você fica parecido com um professor de latim*. Sabe aquelas mascarazinhas que simbolizam o teatro? São a melhor definição para nós.



*Aos 8 anos, no internato Colégio Ernani Cardoso,
em Cascadura*

Capítulo IX

Curado, enfim

Durante um longo período, minha vida foi uma sucessão de internações e altas. O tratamento, na época, era cirúrgico, só bem mais tarde, com o surgimento da penicilina, é que passei a tomar remédios. Por causa desse monte de cirurgias, tenho, até hoje, uma descompensação na perna esquerda. Era operado, saía do hospital e voltava a andar. Quando já estava quase me esquecendo da doença... PAM! Ela voltava e tudo se repetia. Podia durar meses, uma semana, um troço louco. Isso significava interromper os estudos e ficar um longo tempo em recuperação. Mais tarde, passou a significar também interrupção e reinício de carreira. Aos 46 anos, tive uma recaída violenta. Violenta, não. Violentíssima. Um amigo, inconformado com minha situação, falou de um médico que havia chegado dos Estados Unidos e que tratara de soldados feridos no Vietnã. Era o ortopedista Donato d'Angelo. Lá fui eu. Esse cirurgião me operou com grande sucesso. Desde então, não tive reativação nenhuma e espero não ter nunca mais. Mas até isso acontecer, sofri bastante.

Capítulo X

Aurora da minha Vida

Ao contrário da adolescência, minha infância foi tranquila. Até surgir a doença, eu brincava como qualquer criança. Adorava futebol de botão, andava de bicicleta, jogava bola, ia ao parque de diversões, corria pelo quintal, que era tão grande que hoje é uma rua. Às vezes, passo por lá e digo: *Já brinquei muito aqui*. Eu me lembro de chupar laranja deitado debaixo do pé. Também de um cavaleiro de corda que meu pai me deu e que eu adorava. Mas a mais doce das recordações que tenho é minha bisavó Reginalda, que foi camareira da princesa Isabel. Tinha os olhos bem azuis, cabelos brancos e fumava um cachimbinho. Casou-se primeiro com um oficial da Marinha francesa que veio ao Brasil para lutar na Guerra do Paraguai. Ele morreu na batalha e minha bisavó casou-se novamente, dessa vez com meu bisavô Custódio. Eu era o escudeiro dela. Adorava ouvir suas histórias. Saíamos juntos pelo quintal para catar guando. Sabe o que é guando? É um feijãozinho verde que dá numa vagem. Ela colhia e eu ia pondo num saco. Enquanto isso, conversava comigo, contava que Dom Pedro II era assim e assado, falava do palácio, dos tempos da guerra. Falava-me da história

do Brasil. Talvez, por isso, meu primeiro desejo tenha sido estudar História. Depois mudei de ideia, mas até hoje gosto do assunto.

Minha família não era rica, mas também não era pobre. Meu pai tinha um armazém, era um homem remediado. Começou do nada e, no fim, conseguiu juntar um pé-de-meia. Não tive isso de querer um brinquedo e não ter, de querer comer isso ou aquilo e não poder. Nossa casa era imensa, minha mãe tinha duas cozinheiras e mais lavadeira e engomadeira... Quer dizer, a gente vivia bem. Eu fui criado com muitas tias me paparicando, pois elas moravam nas redondezas. Éramos seis irmãos, três meninos e três meninas. O João Loredo foi o único que seguiu carreira artística como eu. Excelente diretor de televisão, criou o *Faça Humor, Não Faça a Guerra* para o Jô Soares. Dirigiu programas célebres como *Black and White, Viva o Gordo, Dercy de Verdade, Chico Anísio Show, Domingo de Graça, Satiricom* e vários outros. Foi também o primeiro diretor do *Fantástico*. Já José Américo formou-se em advocacia como eu e exerce a profissão até hoje. Minhas irmãs Janice e Eunice são donas de casa e Janete se formou em História, mas hoje está aposentada.



João Loredo, com o comediante Costinha



A mãe, Luiza Rodrigues Loreda, no casamento

Capítulo XI

A Alma Boa de Mamãe

Minha mãe é a coisa mais maravilhosa do mundo. Digo é, no presente, embora ela não esteja mais aqui, porque acho que a vida continua em outro plano. Era de uma candura imensa e altamente espiritualizada. Não tenho uma religião específica, mas fui educado dentro da espiritualidade. Meu pai era um homem fisicamente comum. Ela, não. Era muito bonita. O casamento deles causou polêmica na época porque minha mãe era branca e meu pai negro. Não sei se a negritude era africana ou moura. Apesar de não ter conhecido meu avô paterno, sei que o apelido dele era João Canela. Quando era criança, eu pensava que a razão do apelido fosse o fato de ele ter canelas finas. Depois é que me disseram que era por causa da cor da pele. Penso que a melhor palavra para definir minha mãe seja "etérea". Tudo nela era bonito. Tinha uma alma boa e lia muito. Gostava de romances e de livros sobre espiritualidade. No final da vida, levou um tombo e quebrou o fêmur. Passou a ter dificuldade para andar, o que a deixou muito deprimida porque sempre foi uma mulher muito ágil. Passei a visitá-la com muita frequência. Ela me dizia: *Ah, meu filho, Jesus Cristo esqueceu*

de me mandar buscar. Faleceu 15 dias antes de completar 101 anos. Eu estava em São Paulo gravando *A Praça É Nossa*. Na noite anterior, passei muito mal, não conseguia dormir, sentia uma agonia, uma coisa esquisita. Fui para a gravação com uma cara péssima. Minha aparência era tão cadavérica, que, quando cheguei, fui levado ao departamento médico do SBT. Depois de gravar, tornei a ser encaminhado para lá, onde encontrei um de meus filhos. Ele então me deu a notícia da morte de minha mãe. Tiveram o cuidado de só me contar depois que eu saísse de cena.

Capítulo XII

Caindo no Samba

Outra coisa que não sai da minha memória é o carnaval. A osteomielite já tinha tomado conta de mim. Meus irmãos me colocavam num tapete e puxavam até o portão. Depois, punham-me numa cadeira para que eu pudesse ver os blocos. Quando fui melhorando, passei a participar do carnaval. Saía em blocos de mascarados. Conheci um rapaz que o pai era dono de um bar. Todo carnaval, ele se vestia de diabinho e saía pelas ruas tocando violão. Adivinha quem era? O Luiz Bonfá. Foi meu colega de infância. Em Campo Grande, havia o Clube dos Aliados. Ali, comecei a ir a festinhas, representações amadoras e o Bonfá tocava violão. Um dia, já estava andando melhor, fiquei com vontade de ir a um baile de carnaval. Fui pedir dinheiro ao meu pai, ele não quis dar. Aí, minha mãe disse que daria um jeito. Como era costureira, fez pra mim um fraque de saco de estopa e uma cartola de cartolina. Depois, disse: *Pede dinheiro na rua e vai pro seu carnaval*. Eu era tímido. Não sei o que houve. De repente, baixou um santo. Fui pra rua e comecei a pedir dinheiro às pessoas imitando voz de palhaço. À noite, tinha o suficiente pra ir ao baile. Talvez

minha mãe tivesse sentido que eu poderia me soltar desse modo. Foi a maneira dela de me jogar na vida.

Capítulo XIII

Primeiro Amor

Sempre fui tímido. Para piorar, a doença fazia com que eu me sentisse diferente dos outros garotos. Olhava para as meninas, achava-as bonitas e não dizia nada porque tinha um terrível complexo de inferioridade. Não havia curso secundário em Campo Grande, então fui estudar no Colégio Arte e Instrução, em Cascadura. Lá conheci uma garota chamada Maria Aparecida. Ela morava em Realengo e o pai dela era capitão do Exército e professor na Escola de Cadetes. Nossa! Como eu gostava dessa menina! Tentei me aproximar, mas ela não quis nada comigo. Essa paixão platônica durou muito tempo. Até que entrou a Edna na jogada. Era uma garota que gostava de mim, mas eu não gostava dela. Para ver se fazia ciúme a Maria Aparecida, comecei a namorar a Edna, que acabou sendo a minha primeira namorada de ir ao cinema e pegar na mão. A Maria Aparecida nem se abalou. Nada aconteceu entre nós. Só consegui esquecê-la depois de fazer o Tiro de Guerra e vir trabalhar no Rio de Janeiro.



No Tiro de Guerra, 18 anos, 1947

Capítulo XIV

I Love you, my Love

Em Campo Grande, tinha o cinema do seu Vertúlio. Como eu adorava aquelas matinês! Eu tinha o problema da perna e ir ao cinema me distraía. Ia de muleta, de bengala, mas ia. Aquele meu mundo de dor eu passava para a tela e me sentia um Rodolfo Valentino. Antes do filme principal, sempre passavam umas comédias curtinhas do Harold Lloyd, Buster Keaton, Charles Chaplin... Era a parte que eu mais gostava. Naquele tempo, ainda precisava interromper a projeção e acender a luz para mudar o rolo do filme. Desconfio que todas essas palavras que digo em inglês quando faço o Zé Bonitinho venham dos filmes que assisti nessa época. Ficou no subconsciente. Meu amigo cego sempre pedia para que eu contasse o filme na volta. Na hora de contar, eu fazia todas as sonoplastias: *Aí, veio o mocinho, pocotó, pocotó, pocotó...* Daí, o bandido chegou dizendo *stand up...* *Aí, o mocinho tirou a arma e bang, bang, bang...* Daí, a mocinha gritou *help, help, help!* Desconfio também que esse negócio do Zé Bonitinho jamais ficar com as mulheres era porque nos filmes de *cowboy* o mocinho ia sempre embora no fim, nunca que

casava com a moça. Vinha com aquela conversa de *tenho de partir, my love...* Isso também ficou na minha cabeça e talvez venha daí essa obstinação do Zé Bonitinho em permanecer só.

Capítulo XV

Palmas! Palmas!

Arrumei um emprego em uma loja de importados chamada Casa Celestino Costa & Cia. Ltda., que vendia chá, cera e cereais. Por causa disso, mudei do subúrbio para o centro do Rio. Aos 20 anos, prestei um concurso e comecei a trabalhar no Banco Holandês Unido. Virei bancário. Eu me lembro exatamente do meu primeiro dia de trabalho. Era 8 de maio de 1945. Cheguei ao banco e não tinha ninguém. Estava todo mundo na rua comemorando o fim da Segunda Guerra Mundial. Trabalhava no setor de importação e exportação. Recebia ordens em vários idiomas porque havia muitos funcionários estrangeiros lá. Resolvi entrar na Aliança Francesa para estudar francês, uma língua valorizada naquele tempo. Bem rápido, passei a falar com fluência. Isso seria muito útil para mim no futuro. Eu ainda não conhecia ninguém no Rio de Janeiro e então ia zanzar pela Praça Tiradentes, que era frequentada pelos artistas de teatro, de opereta e de circo, inclusive aqueles que conheciam meu pai e minha mãe. Eu procurava essas pessoas na tentativa de fazer alguma amizade e não me sentir tão só. Ficava por ali conversando com eles e acabava ganhando senhas para ir bater palmas

nos teatros, porque já existiam as claques. A gente ia para a torrinha, como eram chamados os lugares do anfiteatro, aqueles que ficam quase grudados no teto e a gente tem de fazer contorcionismo para ver o palco. Acho que em São Paulo falam poleiro. Mas bem ou mal, era assim que eu assistia aos espetáculos do Teatro Recreio, do Carlos Gomes e do João Caetano. Vi grandes humoristas, como Oscarito ou o argentino Pablo Palito, que falava português quase fluente e entrava em cena de casaca, tinha muita classe. Se bem que esses artistas eram tão brilhantes que nem precisavam de claque. Em todo caso, a gente estava lá para isso. Foi vendo esses artistas geniais que comecei a pensar mais seriamente em estudar teatro. Também me encantavam as companhias francesas que vinham ao Rio. Como eu havia estudado francês e entendia tudo, ia ao Municipal assistir a essas peças e vi atores sensacionais, como Jean-Louis Barrault, mímico e ator da *Comédie Française*. Comecei a me interessar cada vez mais pelas coisas do teatro, lia o que caía em minhas mãos. Nesse ponto da história é que dei de cara com o anúncio do curso do Teatro do Estudante do Paschoal Carlos Magno. Tudo foi se juntando, os espetáculos que eu assistia, dos clássicos às revistas, minhas lembranças do circo, do cinema. Quando vi, já estava no meio artístico. Passei a inventar personagens, a fazer *shows* em circos. Minha escola praticamente foi a vida.

Capítulo XVI

Doutor Loredo

Depois de passar no concurso do Banco Holandês Unido, resolvi fazer vestibular para o curso de Direito. Nem foi uma questão de vocação. Era o único curso superior que funcionava à noite e como eu trabalhava de dia, não havia outra opção. Entrei na então Faculdade do Catete. Além do trabalho no banco, fazia figuração na televisão para pagar meus estudos. Não era um aluno dos mais aplicados. Eu fazia parte da turma do fundão. Depois de responder à chamada, caíamos fora da sala. Íamos ao Café Lamas, ao lado, para jogar sinuca e bilhar. Voltávamos no final da aula só para marcar presença. Nosso professor de Processo Penal era o célebre Ari Franco, que hoje é nome de presídio. Às vésperas da formatura, ele disse para nós: *Vocês aí do fundo estão todos reprovados*. Recebemos o diploma, mas tivemos que voltar para fazer segunda época da disciplina dele. Formei-me em 1957. Primeiro, eu me especializei na área criminal e logo me cansei. Queria fazer algo que não me obrigasse a acusar ninguém. Acabei optando pelo Direito Previdenciário e do Trabalho. Mesmo após o sucesso na televisão, jamais abandonei o Direito. Temia ficar sem emprego de uma hora para ou-



Na formatura como advogado, 1957

tra. Tinha medo da instabilidade da vida artística. Sempre mantive o escritório Loredó & Loredó Advogados Associados, em sociedade com meu irmão José Américo. O divertido é que muitas vezes fui chamado de Zé Bonitinho no Fórum. Mas isso nunca atrapalhou meu desempenho como advogado. Defendi muitos colegas do meio artístico.

Capítulo XVII

Prezados Ouvintes

A osteomielite não havia ainda me abandonado. Estava eu lá na minha rotina do Banco Holandês e, de repente, vinha uma recaída. Quando me restabelecia, reaparecia no trabalho de bengala, muleta, essas coisas todas. O pior é que ela abria espaço para outras doenças. Tive tuberculose. Fui internado no sanatório Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, porque era assim o tratamento dos tuberculosos naquela época. O tratamento era o pneumotórax, uma injeção desse tamanho, uma coisa dolorosa, melhor nem lembrar. Eu, que já havia sentido as dores horríveis da perna, tinha agora de suportar essas injeções desumanas. Pior ainda era o isolamento. As pessoas não queriam nem apertar minha mão. Mais uma vez o isolamento, aquele que conheci tão bem na adolescência. Mas aí surgiu um medicamento novo chamado estreptomicina, que revolucionou o tratamento e pôs fim ao pneumotórax.

Fui me recuperando, mas fiquei um ano isolado no sanatório. Ali, tinham as assistentes sociais, que nos orientavam e tal. Apesar de tudo, meu caso não era dos piores. Para não ter ociosidade, todo mundo fazia alguma coisa, pelo menos

quem tinha alguma condição para isso. As assistentes sociais aplicavam testes vocacionais para descobrir as aptidões de cada um. Depois de me submeterem a uma bateria de testes, disseram que eu iria tomar conta da estação de rádio que havia lá. Era uma estaçãozinha para mensagens internas, mas que tinha um alcance de 10 quilômetros. Assumi o comando. Estava tudo desorganizado. Comecei a limpar discos, chamei um técnico pra arrumar o microfone que estava quebrado e mais isso e aquilo. Só sei que coloquei a estação no ar, sem entender pinoia de rádio. Tinha uma programação de músicas, comunicados, líamos poesias escritas pelos internos, fazíamos entrevistas quando aparecia alguma visita. Fui tomando gosto por aquilo e *tatatá, tatatá...* Até que me recuperei e tive autorização para sair uma vez por mês.

Passei a aproveitar meu dia de *folga* para ir ao centro da cidade e pegar um cinema ou um teatro. Comprava folhetos de peças teatrais, levava para o sanatório e montava uns esquetes de acordo com o que me dava na cabeça. Dirigia os atores do meu jeito, sem saber dirigir. Talvez eu possa dizer que a coisa começou aí. Continuei a ir muito ao teatro de revista pra ver como é que era. Recorria às lembranças que eu tinha do circo, de quando ia levar as roupas costuradas

pela minha mãe. Tudo aquilo ficou registrado na minha memória. Fui dirigindo pecinhas até que criamos um grupo amador à nossa moda. O negócio fez tanto sucesso que o diretor do sanatório mandou construir um palco. Tudo ia às mil maravilhas, só que um dia eu tive alta...

Capítulo XVIII

Só Pensando Naquilo

O confinamento no sanatório havia durado um ano. Quando me vi de novo na rua, sozinho e saudável, não quis nem saber. Era boate, *cuba libre*, noitadas... Meti o pé no acelerador. Daí, resultado: sanatório de novo! Passei mais uma temporada lá. Aprendi a lição. Dessa segunda vez, saí mais tranquilo. Antes de cair no mundo, a assistente social me recomendou novo teste vocacional. Foi aplicado por um psicólogo especializado e durou vários dias porque era uma bateria de testes. Aí aconteceu um negócio que deixaria o Freud maluco. Tudo que o psicólogo me mostrava, eu associava ao órgão sexual feminino. Sei lá, acho que, depois de tanto tempo recluso, só conseguia pensar naquilo. Seja como for, o resultado do teste indicava que eu tinha habilidade, em primeiro lugar, para o magistério. Depois vinha a diplomacia, o Direito e as atividades exibicionistas! Conversamos um pouco sobre isso e então o psicólogo sugeriu que eu entrasse numa Faculdade de Direito e também fosse estudar teatro. Fiz o vestibular para Direito. O negócio do teatro entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Mas como ia muito ao teatro de revista e aos *shows* dos cassinos, alguma coisa começou a mexer lá dentro de mim.

Capítulo XIX

Primeiro Casamento

Eu casei três vezes. Ao contrário de Zé Bonitinho, sempre busquei a estabilidade, apesar da vida louca que é a do artista. Minha primeira esposa se chamava Marisa Teixeira. Não sei se ainda vive, pois perdemos o contato. Era uma mulher belíssima. Parecia a Hedy Lamarr. Eu já havia me formado em advocacia, mas continuava com meu trabalho de ator. Ela era advogada também e trabalhava com o pai em um escritório. Uma noite, estava fazendo um *show* e Marisa foi me ver. No final, foi ao camarim para me cumprimentar. Agradei normalmente, como fazia com toda fã. Ela chegou a me dar seu telefone, mas não liguei. Não dei importância àquele encontro. O tempo passou. Eu fazia sucesso no *show* de Carlos Machado, na boate Fred's, quando vi na plateia uma moça linda. Não reconheci Marisa, mas era ela. Pedi ao *maître* que fosse levar um bilhete à beldade. Mas veja que desastroso bilhete escrevi. Dizia assim: *Gostei de você. Quanto cobra?*. Ela podia ter se ofendido mortalmente, mas respondeu: *Não sou mulher de cobrar. Você já tem meu telefone, mas vou dar de novo. Ligue-me*. Quase morri de vergonha, mas liguei e começamos a namorar. Só que a vida dela virou

uma complicação. Como Marisa era desquitada, morava na casa dos pais. No final do dia, saía do escritório, voltava para casa e depois ia me ver na boate. O *show* terminava às duas da manhã. Ela ia dormir lá pelas quatro horas da matina e tinha de acordar cedo para ir ao escritório e recomeçar a rotina. Foi ficando exausta e abatida. A mãe a repreendia, pois, além de tudo, não via com bons olhos o romance da filha com um artista. Achava que boate era lugar de vagabunda e não de uma moça de família. Um dia, recebo um telefonema do pai de Marisa dizendo que precisava falar comigo. Marcamos um almoço. Ele disse que era necessário tomar alguma medida, pois aquilo não poderia continuar. Pediu também que mantivesse nosso encontro em segredo. Eu propus então à Marisa que fosse morar comigo e dei a ela a chave do meu apartamento. Mas a mãe dela era muito rigorosa e continuou insatisfeita com a ideia de *amancebados*. Decidimos casar dentro dos rituais do centro espírita que ela frequentava para dar uma satisfação à família. Meus padrinhos foram Herivelto Martins e sua mulher Lurdes Torelly, que também eram espíritas e até eram diretores de um outro centro.

Nosso casamento durou quatro anos. No começo, tudo correu às mil maravilhas, mas ela era geniosa, ciumenta e impunha sempre sua von-

tade. Aliás, parece que tenho ímã para mulheres temperamentais, daquelas que jogam as coisas pela janela e tal. Todas que amei eram assim. As coisas complicaram quando fui a Recife para uma temporada de *shows*. Marisa encontrou um bilhete de uma colega em meu paletó e fez um escândalo. O bilhete era mesmo de uma amiga, apenas isso. Ela não quis nem saber. Disse que, se eu podia me esbaldar em Recife, ela iria sozinha ao Baile do Haváí. E foi mesmo. Voltou toda borrada de batom e aí a briga foi feia. Não havia mais clima de união. Acabamos nos separando. Fiquei um tempo pra baixo porque gostava muito dela. Aos poucos, fui me recuperando. É assim a vida, não é?



A esposa, Ruth Lima, no casamento

Capítulo XX

Segundo Casamento

Casei pela segunda vez com Ruth Lima, em 1962. Ela era a primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, trabalhava como jornalista na revista *Cinelândia*. Um dia, ligou para mim dizendo que queria fazer uma reportagem comigo. Marcamos a hora e ela veio me entrevistar em minha casa. Nessa época, eu morava em um belo apartamento, no mesmo edifício em que moravam Maysa e Ronaldo Bôscoli. Quando Ruth chegou, achei-a muito simpática, mas apenas isso. A entrevista foi publicada. Alguns dias depois, ela telefonou perguntando se eu tinha gostado. Respondi que sim, agradei, mas até aí não estava muito ligado no lance. Eu tinha um convite para assistir à *My Fair Lady*, com Bibi Ferreira e Paulo Autran. Não sei o que me deu na cabeça, que resolvi convidá-la para ver o espetáculo. Ela aceitou. A partir desse dia, trocamos telefonemas frequentes. Voltei a convidá-la para sair. Começou a rolar um clima, veio o primeiro beijo, aquelas coisas todas. Passei a armar umas armadilhas pra ficar sozinho com ela em minha casa. Ruth não caiu. Ela era uma perfeita dama, muito íntima da família Kubitschek. Falou assim: *Olha, gosto de você,*

mas ainda sou virgem, só casando. Daí, eu disse: *Ok, vamos casar!*. Os padrinhos dela foram Juscelino e Sarah Kubitschek, o casal presidencial. Os meus foram Manoel da Nóbrega e a esposa. Casamos na igreja do Outeiro da Glória. Foi um megaevento, o trânsito parou. Naquele tempo, ninguém entendia por que Ruth tinha se casado comigo, ela tão fina e eu um cara de televisão. O casamento durou quatro anos. Acabamos separados por incompatibilidade de gênios. Nós nos amávamos muito, mas havia umas coisas das quais eu não conseguia me desvencilhar e que atrapalhavam nosso relacionamento. Era muito comum, quando eu saía, encontrar a patota da TV pelos bares. Puxava a cadeira, sentava, ficava no papo e esquecia da vida. Quando voltava para casa, a guerra estava declarada. Eu fazia essas besteiras, até que chegou uma hora em que ela não aguentou mais e foi embora. Como não havia divórcio, nós nos desquitamos.

ZÉ BONITINHO



O comediante Jorge Loredo ficou noivo da bailarina Rute Lima



O padrinho será o Senador Juscelino Kubitschek — **RADIOLÂNDIA** foi o "Cupido" no namoro — Planos e esperanças dos dois artistas

SERÁ' ainda este mês o casamento de um dos mais famosos comediantes da televisão, Jorge Loredo, que se popularizou, entre outros papéis, pela criação do inimitável "Zé Bonitinho", com a primeira bailarina do Teatro Municipal, a graciosa Rute Lima.

Os dois artistas conheceram-se por intermédio desta revista, quando Rute, fazendo estágio de jornalismo, fez uma entrevista com Jorge. Da en-

(Conclui na pág. seguinte)

VAI CASAR!

Matéria sobre o casamento



chek, e no civil o casal David-Vitória Cohen. Os padrinhos de Jorge serão, no religioso, Manoel da Nóbrega e senhora, e, no civil, o Dr. Gilberto Meanda. Após a cerimônia, os nubentes deverão passar a lua de mel em Friburgo.

Rute e Jorge têm planos para continuarem trabalhando nas respectivas artes e, se possível, juntos, o que incluiria também uma viagem à Europa para uma apresentação diferente da música e da arte brasileiras.

ZÉ BONITINHO...

trevista passaram a uma conversa maior, descobrindo ambos que tinham idênticos pontos de vista sôbre uma série de problemas da nossa época. Dai... ao namôro foi um passo apenas.

O casamento dos dois notáveis artistas está marcado para o dia 24 de setembro corrente e será realizado no Outeiro da Glória, devendo ser celebrante Dom Helder Câmara. O padrinho de Rute será o Senador Juscelino Kubits-



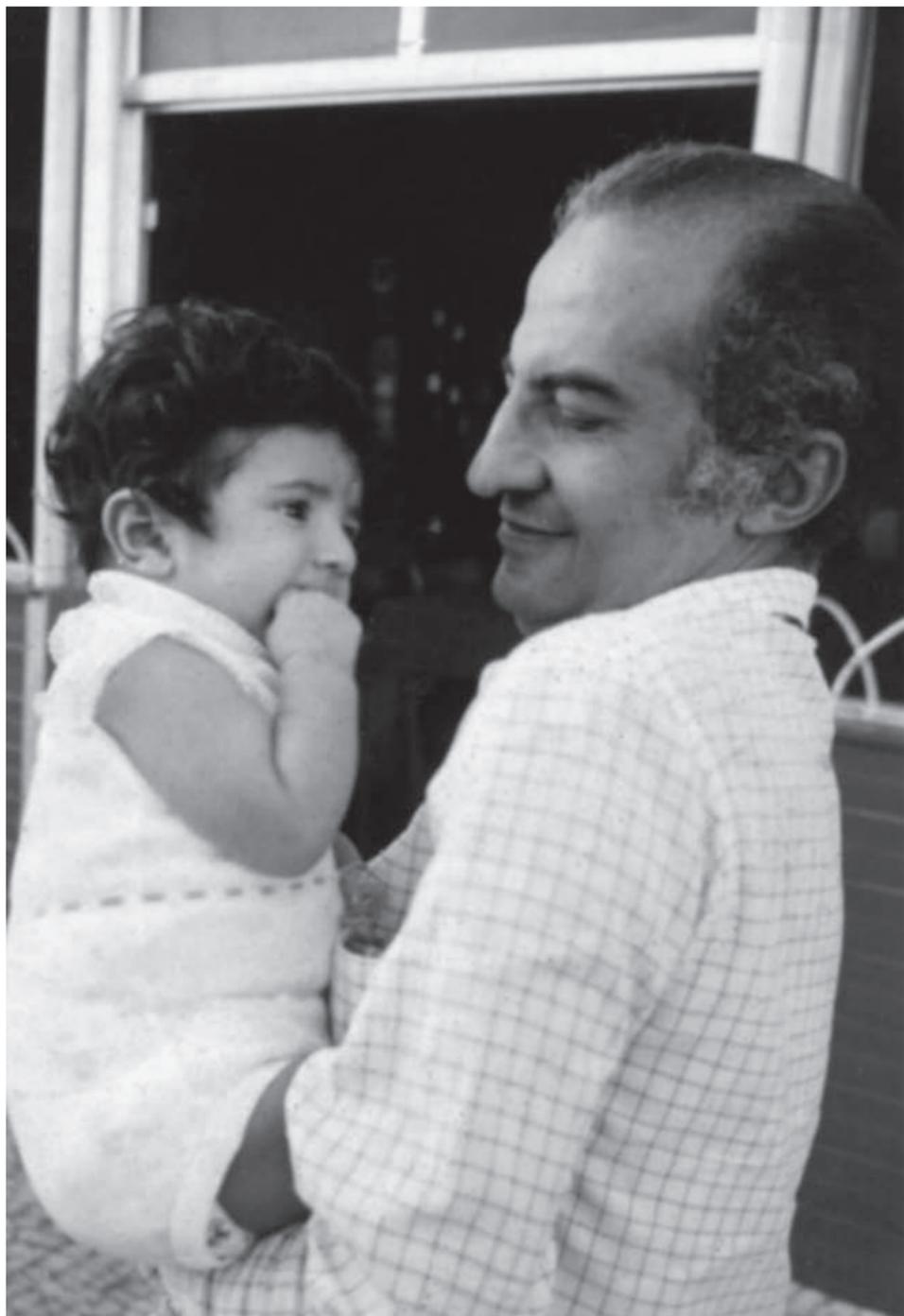
Matéria sobre o casamento

Capítulo XXI

Terceiro Casamento

Meu último casamento foi uma novela das oito. Cheia de voltas e reviravoltas. Veja se não tenho razão. Já era advogado quando Yeda Campos, vedete da boate Fred's, mudou-se para o México e pediu-me para que cuidasse das coisas dela no Brasil. Foi assim que conheci Adey Monteiro Campos, irmã dela. Primeiro, rolou amizade, que logo virou namoro. Adey também era o tipo *só casando*. Lá fui eu pedir sua mão à mãe dela, que me botou correndo porta afora. Não queria que a filha se juntasse a um desquitado. Resolvemos casar no México onde sua irmã morava e havia se tornado uma cantora internacional. Como eu tinha de cumprir uma longa temporada de *shows* pelo Brasil, que terminaria em Manaus, combinamos que ela iria primeiro ao México e me esperaria na casa de Yeda. Eu voaria de Manaus para lá, assim que terminasse a turnê. Ela foi, mas, numa das apresentações, escorreguei em cena e o tombo reativou a osteomielite. Precisei voltar ao Rio para ser operado com urgência. A recuperação, como sempre, foi demorada e fiquei internado vários meses no hospital. Para não preocupar Adey, dizia que não podia encontrá-la no México por causa de

compromissos profissionais de última hora. Fui adiando o casamento sem revelar a verdadeira causa. Acabamos nos casando por procuração, como Dom Pedro I, ela lá e eu aqui. Quando Adey voltou ao Brasil, minha mãe, que foi recebê-la no Galeão, contou a verdade e aconselhou-a a não ficar com um homem enfermo. Ela respondeu que eu era seu marido e que comigo ficaria, na condição que fosse. A partir daquele dia, ficou ao meu lado no hospital. Nossa lua de mel só aconteceu oito meses depois. Durante todo o tempo em que vivemos juntos, Adey foi uma companheira e tanto. Tivemos dois filhos: Jorge Ignácio, que hoje é analista de sistemas; e Ricardo Frederico, que é leiloeiro público. Mas, outra vez, deixei a desejar como esposo. Voltava tarde para casa, desaparecia, não dava satisfação. Ela, tal como minhas outras mulheres, também tinha um gênio terrível. Começaram as brigas. Até que um dia ela descobriu que tinha câncer de mama. Saiu de casa sem me contar nada. Era muito bonita e teve vergonha da doença. Quando eu soube, quis voltar para junto dela, mas Adey achou que estava fazendo isso por pena e não permitiu. Morreu depois de um longo sofrimento. Amei com sinceridade todas as minhas esposas, cada uma a seu tempo e a meu modo, nem sempre compreendendo o carinho que tiveram por mim. Mas sinto muitas saudades de Adey. O amor que ela me dedicou foi transcendental.



Jorge Loredo e Jorge Ignácio, aos 4 meses, dezembro de 1971



Jorge Ignácio Neto, 01 ano

Capítulo XXII

Em Busca da Luz

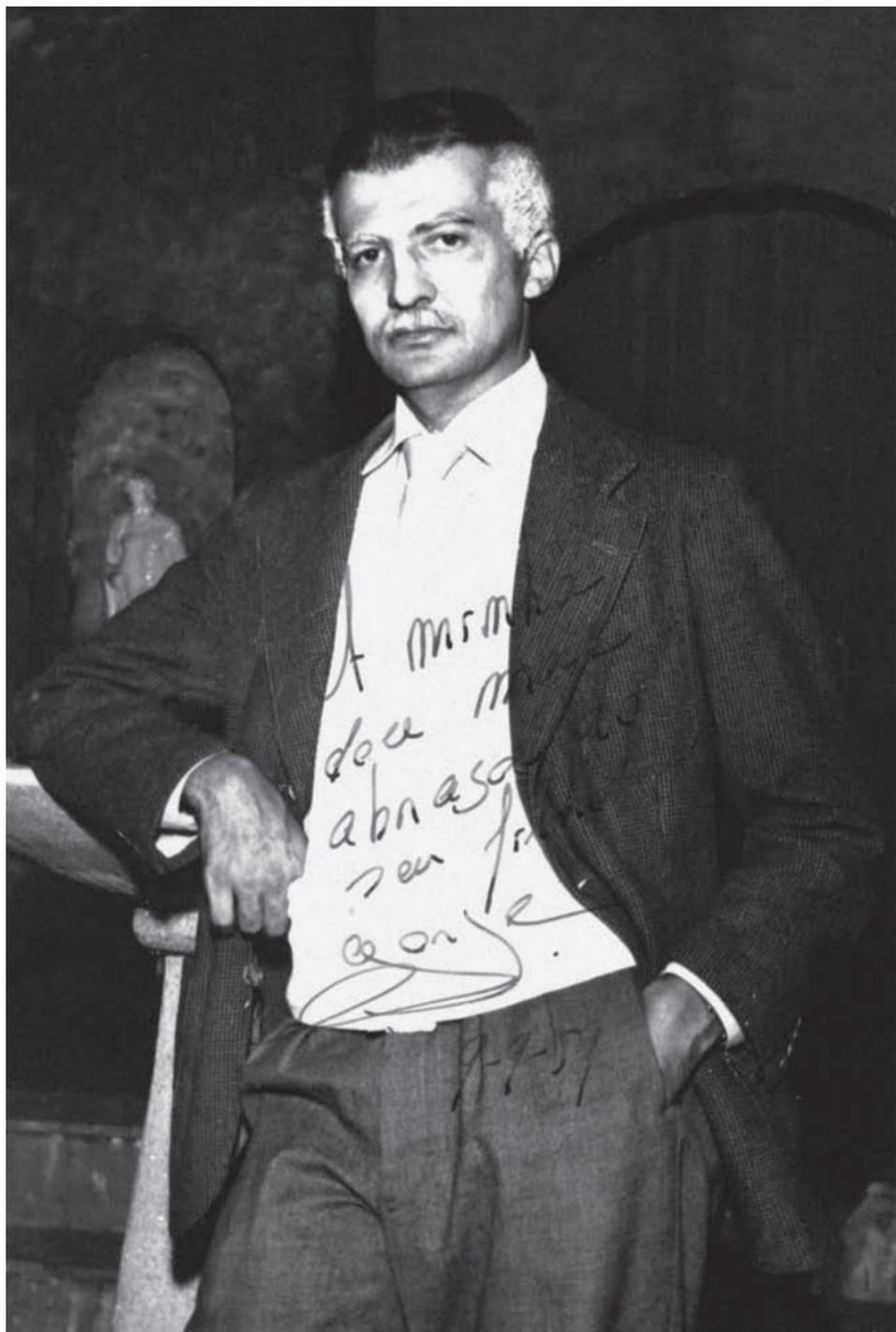
Houve uma época em que eu bebia muito. Claro que isso afetava a minha vida conjugal. Meus últimos anos com Adey foram bastante tumultuados por causa de minhas bebedeiras e tudo culminou com nossa separação. Ao mesmo tempo que fazia tanta gente rir com Zé Bonitinho, causava sofrimento aos meus familiares. Foi uma fase sombria. Diziam que eu estava pirando. Cheio de medo, culpa e remorso, cheguei a procurar um psicanalista. Mas aquele negócio de fala, fala, fala e a única coisa que ouvia da boca do cara era *a sessão acabou, até a próxima* não me ajudou em nada. Um amigo sugeriu que eu procurasse o grupo de autoajuda Neuróticos Anônimos (NA). Passei a frequentar as reuniões e foi a melhor coisa que fiz. Descobri que poderia ter agido de modo muito diferente em relação às pessoas que amava. Aprendi a importância do diálogo. Eu que gostava tanto de Platão já devia saber disso, mas só fiz a descoberta lá. Ouvir as histórias das outras pessoas, suas dores e tragédias e também sua luta para se levantar, para reconstruir suas vidas é um aprendizado e tanto. A gente descobre que não está sozinho. Quando vemos o drama alheio, percebemos

que o nosso não é nada, que ainda podemos sair daquela. Nunca fui usuário de drogas, mas o álcool é uma delas. Parei de beber. Estendi minhas conquistas a outras áreas e parei também de fumar. Aliás, hoje penso que o cigarro devia ser proibido especialmente para os atores. Ele destrói a voz, altera a respiração, e o ator vive da respiração. O grande Lawrence Olivier dizia que a inflexão depende da respiração. Se você fuma, como é que fica? Então fui parando com tudo isso e minha vida deu uma guinada. Passei a frequentar outros grupos de autoajuda, os Alcoólicos Anônimos (AA) e até os Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (Dasa). Os Neuróticos Anônimos nunca abandonei, frequento até hoje.

No auge dessa minha busca, conheci uma mulher no hotel em que eu morava. Estávamos os dois fumando no *lobby* e começamos a conversar. Conversa vem, conversa vai, iniciamos um *affair*. Depois de um tempo, passei a frequentar seu apartamento. Um dia, vi, nos fundos, dezenas de garrafas vazias. Como ela tinha filhos adultos, pensei que fossem eles os consumidores. Mesmo assim, aquilo me chocou. Certa noite, saímos para jantar e ela pediu uma dose de Steinhagen, que virou de uma vez. Logo em seguida, pediu outra. Alertei-a de que aquela era uma bebida muito forte e que ela devia ter mais moderação.

Quando o garçom passou, pediu que trouxesse a garrafa à mesa. Quando tentei, mais uma vez, adverti-la, deu-me uma bofetada. Todos os olhares convergiram para nossa mesa. Mantive-me em silêncio até o final do jantar. Assim que saímos, eu disse que estava tudo terminado entre nós e partimos em táxis diferentes. Só então compreendi quem é que consumia todas aquelas garrafas que vi vazias. Dias depois, tentei uma vez mais ajudá-la. Sugeri que procurasse ajuda aos Alcoólicos Anônimos, mas isso me valeu outra bofetada na cara. Desisti. Não a procurei nunca mais. Passado um tempo, recebi dela um telegrama em que se dizia recuperada, que havia procurado pelo AA e encontrado ali a força que precisava para dar a volta por cima. Fiquei feliz por ela.

Hoje, estou livre do tormento do álcool, mas procuro sempre um grupo de autoajuda quando estou desesperançado por algum motivo.



Em foto dedicada à mãe, de 9 de setembro de 1959

Capítulo XXIII

Tisou, meu Filho!

Quando meu primeiro filho nasceu, saí do hospital e fui perambular pela cidade. Ia pensando: *Meu Deus, eu sou pai!*. Cada boteco que eu via, entrava para comemorar e pedia mais uma. De madrugada, fui parar numa boate de última categoria, perto do Beco das Garrafas, o templo da Bossa Nova. Uma moça que fazia *strep tease* sentou-se na minha mesa e me disse: *Você será um bom pai porque os melhores pais são os boêmios e as melhores mães são as putas*. Daí, disse que queria me mostrar uma coisa e levou-me ao camarim. Lá estava um nenezinho no berço. Ela tirou o seio para fora e começou a amamentá-lo. Isso me marcou profundamente e nunca mais esqueci. Meu segundo filho nasceu no dia em que eu completava 50 anos. Saí da maternidade e fui contar a novidade ao mais velho, Jorge Ignacio. Ele então me perguntou: *Ih, papai, o médico tisou meu irmão da barriga da mamãe?* Respondi: *Tisou, meu filho!* Em seguida, disse a ele que, como era o mais velho, deveria escolher o nome do irmãozinho. Nem pestanejou. Foi logo dizendo que seria Ricardo Frederico. Fomos descobrir mais tarde que esses nomes eram de seus dois melhores amigos

do colégio. Adoro meus filhos. Até hoje, tenho uma ótima relação com eles. Posso dizer com orgulho que tenho dois grandes filhos. Eu os tive com idade avançada. Muita gente chegou a me perguntar se eu achava mesmo que os veria servir o exército. No fim de tudo, acredito que foi melhor para eles terem sido criados somente pela mãe, longe de mim. Se eu estivesse por perto, teria passado a mão na cabeça deles, teriam sido paparicados por mim e talvez até hoje procurassem emprego. No entanto, a mãe os educou para ser independentes e tornaram-se dois profissionais realizados e seres humanos dos quais me orgulho de ser pai.

Capítulo XIV

Coisas do Além

Bem antes do meu primeiro casamento, fui parar no centro espírita que o Herivelto Martins dirigia. Fui levado lá por um amigo, Macedo Neto, ex-marido de Dolores Duran. Ninguém se conformava com minhas internações, toda hora no hospital por causa da osteomielite, e o Macedo era um deles. Botou-me dentro do Buick que ele tinha e lá fui eu, de perna engessada e tudo. Aconteceu uma porção de coisas estranhas no caminho, até o pneu furou, como se algo ou alguém quisesse impedir nossa chegada ao centro. Macedo disse que eu estava com algum *encosto*. Chegamos, finalmente. Fui recebido por um médium que, depois de conversar comigo, disse que eu voltaria lá em uma semana sem o gesso. Respondi que, caso isso acontecesse, vestiria roupa branca e iria trabalhar como voluntário no centro. Isso porque meu médico havia acabado de me dizer que eu ficaria engessado por, no mínimo, três meses. Um ou dois dias depois voltei ao médico e ele, sem que eu mencionasse nada, tirou o gesso. Fiquei impressionado com aquilo e cumpri minha promessa.

Capítulo XV

Talento Mudo

Quase ninguém sabe, mas fui eu que levei o *playback* para a televisão. Hoje é uma coisa muito comum, mas naquele tempo não era. Quer saber como fiz *playback* pela primeira vez? Naquele tempo, as pessoas frequentavam cassinos. Eu ia de vez em quando às matinês do Cassino da Urca, do Cassino de Copacabana e do Cassino Atlântico. Sempre havia *shows* maravilhosos. Cheguei a ver grandes cantores, como Maurice Chevalier. Eu não ia pra sala de jogo, ia só para assistir aos espetáculos. Um dia, vi um número que me deixou abismado. Era um cara regendo uma orquestra invisível, só com as sombras dos músicos. Uns dias depois, por coincidência, ia passando pela loja de discos Palermo, no Largo da Carioca, e ouvi a mesma música usada no tal número. Entrei e contei ao vendedor o meu espanto de ver um maestro que regia uma orquestra fantasma. O rapaz riu e me contou que aquilo era dublagem. Explicou como funcionava. Ele também havia visto o espetáculo. Resolvi comprar o disco. Levei pra casa e comecei a treinar, tentando repetir exatamente o que o falso maestro fazia. Na TV Tupi tinha um programa chamado *Revelações Kibon*. Eles iam aos clu-

bes, nas escolas e empresas atrás de candidatos para participar. Eu ainda trabalhava no Banco Holandês e um dia eles apareceram lá. Meus colegas contaram que eu fazia esse número, que eu punha um disco e fingia que era o regente. Fui fazer o programa. O número arrebentou a boca do balão. Mal terminei, o senhor Mário Provenzano, que era diretor da Tupi, estava ali nos bastidores me esperando para falar comigo. Ele me convidou para participar, já na semana seguinte, do programa *Feira de Amostras*, apresentado por Mara Rúbia. Daí perguntou quanto era o meu cachê. Eu não sabia o que era isso. Ele me explicou. Fiquei espantado com a ideia de que ia ganhar dinheiro. Fui ao programa e repeti o número. O senhor Mário pediu-me então mais números como aquele e eu não tinha. Voltei na Loja Palermo e o vendedor me disse que aquele disco era de uma orquestra maluca regida por um cara chamado Spike Jones. Comprei toda a coleção e fui me especializando cada vez mais em dublagens. Acabei descobrindo outros artistas, grandes comediantes italianos. Tinha um que tentava cantar uma cançoneta e espirrava, coisas assim. Criei também um número em que eu dublava a canção *Cielito Lindo*, na voz de Rosita Serrano, que tem aquele refrão famoso: *Ay, ay, ay, ay! Cante y no llores...* Fui seguindo por esse lado. Meu começo na televisão foi desse

jeito, ninguém me deixava abrir a boca. Queriam só dublagem. Passei a me apresentar no *Espectáculos Tonelux*, também dirigido pelo Mário Provenzano. Até que um dia eu me queixei pro senhor Mário que não aguentava mais, queria falar, interpretar. Afinal, eu era um ator.

Capítulo XVI

Conde Paspalham

Em 1955, a TV Rio foi inaugurada e eu fui convidado para fazer parte do programa *A Família Boaventura*, que ficou três anos no ar. Por sorte, aquele crítico do *Correio da Manhã* que havia gostado do meu trabalho era um dos redatores do programa e me indicou. Meu papel era o de um conde falido chamado Paspalham. A história era a seguinte: uma jovem ganha na loteria e vai para a Europa. Lá, ela conhece o conde. Fica encantada, sem saber que ele era um nobre que não tinha um tostão. Ela o traz para o Brasil. Depois, inventei um nome mais longo para ele: Conde Altamiro Alexandrovichniovsky, descendente dos Paspalhianásios e conde da Paspalhândia. Era um programa diário e ao vivo. As pessoas começaram a prestar mais atenção em mim. Naquele tempo, o público pagava para entrar no auditório da televisão. Foi a minha grande chance. Segui em frente, fazendo um esquete aqui e outro ali, em programas como *Cinco para às Cinco*, apresentado pela Lídia Mattos. Até que foi criado um programa chamado *Ele, Ela & Confusão*, que mostrava o dia a dia de um casal cheio de complicações. A atriz Vera Rossi fazia a mulher e eu o marido. Chegou a

fazer um relativo sucesso. Foi pioneiro desses programas de casal. Depois surgiu *Alô, Doçura*, com Eva Wilma e John Herbert, que entrou para a história da TV.

Capítulo XVII

O Homem do Caroço

Desde 1956, o Manoel da Nóbrega fazia *A Praça da Alegria* em São Paulo, na TV Paulista, Canal 5, que integrava o Grupo Victor Costa e, mais tarde, acabou virando TV Globo. Era um enorme sucesso. Dois anos depois, resolveu levar o programa para a TV Rio, no Rio de Janeiro. Todos os atores participantes foram. Ronald Golias, Canarinho, Moacir Franco, todo mundo. Só um não foi, o ator Borges de Barros, que interpretava um mendigo muito divertido, que dizia ser íntimo de vários figurões importantes. Estava eu passando pelo corredor da emissora e o Manoel da Nóbrega me chamou: *Menino, quero falar com você*. Daí, falou que tinha um tipo que eu poderia fazer, um mendigo assim, assim e tal e coisa. Só que ele não queria que eu imitasse o Borges e sim do meu jeito. Manoel me deu um mês para trabalhar o personagem. Comecei a ler o texto, e como já tinha uma formação teatral mínima, fui pensando no que poderia fazer. Conversando com minha mãe, disse que estava em dúvida de como construir o personagem e ela então me disse para fazer o Homem do Caroço.



HUMORISMO — Eles fazem rir os telespectadores da TV Rio. Aí estão Jorge Lorêdo, caracterizado para um programa "Praça da Alegria", e Glauco Ferreira, produtor que tem aparecido com sucesso escrevendo o programa "Rio te adoro".

Com Glauco Ferreira

Capítulo XXVIII

Um Parêntesis

Preciso abrir um parêntesis antes de prosseguir com a história e falar um pouco mais sobre minha mãe. Ela sempre foi muito caridosa. Vivia ajudando as pessoas, dava esmolas e comida aos pobres. Todo dia tinha um monte de gente batendo palma na porta de casa pedindo coisa. Para organizar o negócio, meu pai instituiu o dia da esmola. Ficou sendo o sábado. Como ele tinha um armazém, fazia uns pacotes, tipo cesta básica, e minha mãe distribuía entre os pobres. O povo ia chegando e entrando na fila, tudo muito organizado. Eis que aparece um mendigo muito diferente dos demais. Tinha uma bolota no pescoço e, por isso, era chamado de Homem do Caroço. Eu tinha até um pouco de raiva dele porque minha mãe passou a fazer todas as suas vontades. O cara de pau jamais entrou na fila. Comia no quintal de casa, longe dos outros. Minha mãe mandou até fazer uma mesa exclusiva para ele de uma lata de banha. Só bebia água em taça ou copo que tivesse pé. Se não tivesse, recusava o copo. Na cabeça dele, ele era um lorde. Colocava um caco de vidro no olho e dizia que era monóculo. Punha umas chapinhas no peito e garantia que eram condecorações de

guerra. Usava uma cartola toda bombardeada e bengala. Parecia um nobre britânico falido. Mas era apenas o Homem do Carço. Minha mãe engravidou e meus irmãos e eu tivemos que substituí-la na entrega dos mantimentos. Quando esse mendigo foi entrando porta adentro, eu o impedi de entrar, dizendo: *Sua esmola está aqui*. E dei a ele um ovo. O sujeito não perdeu a classe. Olhou para mim e disse, com empáfia, que não era homem de comer ovo. Depois disso, nunca mais voltou. Fim do parêntesis.

Capítulo XXIX

O Primeiro Personagem

Quando disse a minha mãe que tinha dúvidas de como fazer o personagem de *A Praça da Alegria*, ela sugeriu que me inspirasse no Homem do Carço. Achei a ideia genial. Entrei em cena exatamente como ele. Com monóculo, luvas furadas, cartola amassada e bengala com cabo de prata. Das mangas da camisa havia só os punhos. As meias tinham apenas os canos, eu sentava no banco, puxava a meia e o cano subia pela perna. O figurino era um *mix* do Homem do Carço com o mendigo aristocrata que o grande Charles Laughton fez em um filme. Meu personagem era igual, um miserável que não perdia a pose. Fazia citações em inglês e francês. E só se dirigia ao Manoel da Nóbrega da seguinte maneira: *Como vai, meu nobre colega?*, um pouco inspirado na minha formação de advogado. E assim nasceu o meu primeiro personagem, o Mendigo Aristocrata.

Enquanto o representava, notei o sorriso de satisfação do Nóbrega ao meu lado, como quem diz assim: *Acertei em cheio. O garoto entendeu o que eu queria*. Daí em diante, todo mundo começou a prestar atenção em mim. Passei a



Como Mendigo Aristocrata, com Ibrahim Sued e as filhas do presidente Juscelino Kubstichek

ser chamado para *show*, televisão, teatro, tudo. Virei um personagem fixo de *A Praça da Alegria*. O Borges continuou fazendo o mendigo na TV Paulista, em São Paulo. Acontece que o Rio tinha mais penetração nacional. Fiquei conhecido no Brasil inteiro por causa do Mendigo.

Hoje, se eu tivesse que escolher entre o Zé Bonitinho ou o Mendigo, ficaria com o último para minha satisfação como ator. É um personagem mais completo e, talvez, tenha mais a ver comigo. Ele é um pastor. Não desses que compram canal de televisão e passam o dízimo. O Mendigo ama a humanidade. Todos são filhos dele. Deseja que a Terra seja um jardim e que os seres humanos sejam flores. Quer a paz mundial. É isso o que me apaixona no personagem. No fundo, todo humorista é um humanista. É só lembrar do discurso que Carlitos faz no final de *O Grande Ditador*. Veja o exemplo de Mário Moreno, que fazia o Cantinflas. Ficou muito rico com cinema, podia ter parado aí. No entanto, criou a *Asociación Nacional de Actores* (Anda), porque se preocupava com os artistas. Até hoje, o sindicato dos atores mexicanos é muito forte. Eu me considero um humanista também. E ainda quero voltar a fazer o Mendigo Aristocrata na televisão.

Capítulo XXX

Mulher Fatal

No auge do sucesso do personagem, passei a receber telefonemas, todas as terças-feiras, de uma senhora que dizia ser minha fã e queria me conhecer. Eu atendia e sempre educadamente, para não causar mágoa, arrumava uma desculpa para não encontrá-la. Certo dia, na saída do programa, há um motorista todo aparatado me esperando com uma limusine. Ele me disse: *Seu Jorge, vim buscá-lo por ordem de madame de tal.* Um pouco sem saída, um pouco por curiosidade, entrei no carro. Meu irmão, que estava comigo, acompanhou-me. Chegamos a um apartamento suntuoso, repleto de luxo e objetos de arte. Ela se fez esperar como as divas do cinema daquela época que só apareciam na tela depois de 40 minutos de filme. O mordomo nos serviu uísque e esperamos no sofá. Eis que, de repente, ela surge. Foi uma entrada triunfal, tipo Marlene Dietrich, com um vestido longo cor de cenoura e uma piteira na mão. Naquela mesma noite, começamos a namorar. Meu irmão foi embora e eu fiquei. Passei a ter vida fácil: motorista, uísque, comodidade. Ela me dava presentes caríssimos, um relógio de ouro suíço, perfumes, roupas. Minha mãe, que não gostou nada da história,

me fez devolver tudo depois. A tal dama me dizia que era viúva de um cônsul da República Dominicana que havia lhe deixado uma fortuna. No começo, achei tudo aquilo muito divertido, mas depois fui me cansando. Essa situação é cansativa para quem não é profissional do ramo, sabia? Piorou ainda mais quando ela começou a controlar minha vida e a ter crises de ciúmes. Na verdade, o que queria era me comprar com todo aquele luxo e presentes. Fui me afastando. Até que, por fim, como se fosse realmente um filme, ela faz uma revelação assombrosa. Disse que era uma cafetina. Levei o maior susto. Quando revelou seu nome de guerra, quase caí duro. Era a mais famosa cafetina do Rio de Janeiro. Todo mundo a conhecia. Tinha um célebre *rendez-vous* frequentado por políticos e figurões da época. Só aí descobri que eu era cafetão e não sabia. Pulei fora. Meu negócio era outro. Fui tratar da minha vida.



Com Luiz Carlos Miéle, na Praça da Alegria

Capítulo XXXI

A Hora e a Vez de Zé Bonitinho

Os convites começaram a chegar de todos os lados, das emissoras de televisão, companhias de teatro, cassinos. Era chamado pra tudo. Além do Mendigo, inventei outros tipos como o deputado Palestrino Conversildo da Silva e o professor de português Luizclopédia, cuja voz foi inspirada na do Ari Barroso. Bolei também um guru indiano chamado Saravabatana, que andava com uma cobra dentro de um cesto e dava consultas às mulheres. O *script* de todos eles era criação de César Ladeira, Chico Anísio e Robertinho Silva. Mas conforme o regime militar endurecia, foi ficando difícil interpretar esses personagens, principalmente o Mendigo. Não se podia mais fazer sátiras políticas e ele vivia cutucando a situação. Eu sempre terminava o número dizendo ao Nóbrega coisas como: *Agora vou encontrar aquele menino, o... Juscelino (Kubitschek)!* Comecei a pensar em outro tipo para substituir o Mendigo. Eu já tinha o Zé Bonitinho na cabeça, oferecia aos diretores e produtores, mas ninguém se interessava por ele. Estava nisso quando o Chico Anísio me chamou pra trabalhar em *Noites Cariocas*, um programa da TV Rio escrito por ele. Eu disse que só aceitaria se fizesse o Zé Bonitinho. Chico concordou.



Zé Bonitinho

Antes, me levou pra casa dele. Naquele tempo, era comum o redator chamar o ator em sua casa, conversarem bastante, trocarem ideias, havia uma interação muito legal. Mal chegamos e o Chico perguntou: *Como é o tipo?*. Conteí o que tinha na cabeça. Ele se sentou diante da máquina de escrever e criou o roteiro do esquete ali na minha frente. E foi assim que Zé Bonitinho estreou no programa *Noites Cariocas*. O sucesso foi imediato. Agora, esse negócio de pente, óculos e espelho gigantes, tudo isso foi surgindo gradativamente. Chico continuou escrevendo o texto do Zé Bonitinho. Ele já fazia *A Escolinha do Professor Raimundo* no rádio. Quando ganhou seu programa na televisão, o *Chico Anísio Show*, eu perguntei: *Chico, e agora? Quem vai escrever pra mim?* Ele, sem hesitar, respondeu: *Você!* Quase caí duro: *Eu???* Aí, o Chico resolveu me falar de uma coisa que já pensava, mas que, até aquele momento, vinha fazendo segredo. Disse que eu só não escrevia meu quadro por preguiça, porque as ideias eu tinha. Não havia outra saída. Fui obrigado a sentar à máquina e escrever os meus próprios esquetes. A partir daí, aumentou ainda mais minha intimidade com o Zé Bonitinho. O personagem foi crescendo, fui conhecendo cada vez mais o seu íntimo. Passei a explorar suas sutilezas, fui fazendo uma análise psicológica. Descubri que o Zé Bonitinho era um doente. Todo personagem tem alguma

coisa por trás. Fui vendo que esse negócio de ele sempre fugir das mulheres no fim tinha alguma conotação sexual. Medo de impotência, talvez. Alguma dúvida sexual. Comecei a perceber que ele fazia tudo para chamar a atenção, precisava disso, mas, na hora de botar pra quebrar, saía fora. Cheguei até a estudar um pouco de psicologia para compreendê-lo melhor. Curioso é que ele faz mais sucesso entre os homens do que entre as mulheres. Eles gostam daquelas cantadas e tal, talvez se identifiquem, mas elas detestam porque, no fundo, o personagem é uma caricatura machista. Hoje, naturalmente, o Zé Bonitinho está ficando um pouco *clown*, por causa da idade e tal, mesmo assim, continua fugindo das mulheres.

112



Zé Bonitinho



Zé Bonitinho



Zé Bonitinho

Capítulo XXXII

Nasce uma Estrela

Na primeira vez que entrei em cena como Zé Bonitinho, estava supernervoso. A empatia com o público foi imediata, mas tive uma reação curiosa. Fiz todo aquele gestual, aquela coisa meio *over action*, que mais tarde se transformaria em uma marca do personagem. O público começou a rir. Em vez de ficar contente, fiquei irritado, e me perguntava: *Esse pessoal não respeita o trabalho de um ator? Eu aqui interpretando e eles rindo?* Não tinha noção do que estava fazendo. Saí de cena chateado. Na minha cabeça eu estava interpretando um personagem sério. Ainda trazia comigo os fluidos do Teatro do Estudante. Quando saí de cena, Ema D'Ávila, a nossa grande dama do humor, que havia se apresentado antes de mim, disse: *Meu filho, hoje você agradou mais do que eu.* Ela não disse isso com despeito. Disse para levantar meu astral, porque percebeu o quanto estava contrariado. Eu não percebi que havia nascido ali um comediante. Veja só minha ignorância. Daí, veio o Chico Anísio, dizendo: *Puxa, rapaz... Você abafou!* Só aí minha ficha caiu. Não tinha noção. Eu já fazia o Mendigo, mas era uma interpretação bem teatral. O público ria, muito mais porque

era um maluco que dizia que havia estado em Londres e tal, não porque eu fosse um grande comediante. Com o Zé Bonitinho foi diferente. Por isso, não esqueço dessa frase de dona Ema D'Ávila. Ela percebeu que ali estava nascendo um comediante.

Capítulo XXXIII

Primeira Página

Na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, um torcedor brasileiro foi vestido de Zé Bonitinho para assistir ao jogo Brasil e Gana. Ficou lá, sentado na arquibancada, no meio da multidão. Durante a partida, várias vezes foi focalizado pela câmera da TV, em rede mundial. Não sou muito ligado em futebol e não assisti ao jogo. Mas todo mundo que viu veio me contar. No dia seguinte, quando cheguei ao estúdio para gravar, os colegas mexeram comigo: *Aí, hein? Estava na Alemanha!* Mas se não tivessem me contado, ficaria sabendo do mesmo jeito, pois a foto do camarada estava nas primeiras páginas de todos os jornais. Isso não só no Brasil, mas em vários órgãos internacionais. Num primeiro momento, fiquei surpreso de me ver estampado nos jornais. Claro que senti vaidade; afinal, sou humano, já cometi os sete pecados capitais. Só depois, olhando a foto, pensei na força do personagem. Como é que ele havia se destacado dentro de um imenso estádio lotado? O que fez a imprensa estrangeira se interessar por ele? Fiquei pensando na dimensão daquilo. Quer dizer, o Zé Bonitinho tem mesmo algum *borogodó* inexplicável. Ele tem uma coisa que eu mesmo desconheço.



Zé Bonitinho

Capítulo XXXIV

Esclarecimento

Como já falei que não gosto de futebol, quero fazer uma pequena observação. No país do futebol, uma declaração dessas pode causar estranheza. Mas há uma razão. Não gosto de nenhum esporte em que um jogador se confronta com outro. Prefiro aqueles que se praticam sem que um oponente tenha de tocar no outro, como golfe, tênis, vôlei. O que me incomoda é a agressividade. Eu penso que o homem não deve se embater. Nunca. Em nenhuma circunstância, muito menos no esporte. Futebol, esgrima, basquete, não gosto de nada disso. Boxe, então, tenho horror. Mas veja só que ironia. Na minissérie *Alice*, da HBO, dirigida pelo cineasta Karim Ainouz, eu interpretava um lutador de boxe idoso, que ensinava a lutar. Adorei o papel, mas tive um sério problema de saúde e fui obrigado a deixar as filmagens. Entrei em pânico, me senti fragilizado demais. Gravei apenas um capítulo. Karim gostou de minha interpretação, achou minha figura muito cinematográfica. Queria até aumentar o papel do personagem. Como fiquei doente, disse que gostaria de trabalhar comigo em um próximo projeto. Quer que eu faça o *Quincas Berro d'Água*. Tomara que dê certo. Vou adorar.

Capítulo XXXV

Inflexão é Tudo

Ficava muito chateado quando recebia um texto sem graça para fazer. Certa vez, não gostei de um *script* do Zé Bonitinho. O Walter d'Ávila, um dos mestres do humor brasileiro, estava ao meu lado. Leu o texto e disse que eu poderia salvar o esquete usando apenas a inflexão. Jamais me esqueci disso e até hoje utilizo esse recurso. A inflexão pode dar outro sentido ao texto. Até mesmo ao texto ruim. O melhor esquete que vi na minha vida, e que um dia ainda pretendo fazer, só tinha uma palavra: Arnaldo. Foi num daqueles espetáculos de revista do Valter Pinto, que misturavam quadros de humor, com números de dança e tal. Apenas dois atores em cena. Um deles era o senhor Pedro Dias, o maior imitador do presidente Getúlio Vargas. Chegou a descer de um carro e a entrar no Palácio do Catete com todos os seguranças abrindo caminho. O outro ator era o seu Manoel Vieira, que tinha sotaque português, muito valorizado no teatro daquela época. Os dois já eram octogenários quando assisti ao esquete, que, para mim, foi a maior demonstração do poder da inflexão. Eles faziam dois amigos que tinham estudado juntos no colégio interno e que, sem querer, se esbarra-

vam na rua. Aí, um dizia assim: *Arnaldo?* O nome ia sendo repetido nas mais variadas inflexões, uma hora em tom afetivo, em outra, saudoso, depois, amoroso... As mudanças de sentido eram percebidas só por meio das inflexões, até que o público acaba entendendo que os dois tinham tido um lance lá atrás, no tempo do internato... Naquela época, não se podia falar abertamente de homossexualismo, tudo era sugerido pela inflexão. No final, os dois se abraçavam e o cara dizia em êxtase: *Arnaldo!* Não tinha outra palavra no texto. Isso sim é que é um *tour de force* de talento! Isso é que ser ator. Conforme o público ia rindo, seu Pedro, que tinha a maior cara de sacana, ia pra boca do palco e punha mil intenções na fala: *Arnaldo! Arnaldo... Arnaaldo!*

Capítulo XXXVI

A Quatro Mãos

Eu me lembro de um certo dia em que o Chico Anísio me olhou e disse: *Você vai fazer esse personagem aqui.* Eu li o texto e respondi: *Eu fazer isso? Nem pensar. Não tem graça nenhuma.* O Chico então me deixou em nocaute: *Se isso não tem graça, você não é ator.* Mandou-me pra casa do Haroldo Barbosa, que era o redator do quadro, para discutir o roteiro com ele. O Haroldo me explicou o personagem, disse que era um lobista do Congresso e tal. Fiz umas leituras em voz alta e, de repente... A voz do personagem veio! Não sei se foi pelo fato de admirar muito o Silveira Sampaio, a voz dele como que surgiu na minha garganta. E olha que não sei imitar ninguém. O nome do personagem era Miguel. Eu ficava no telefone e um monte de gente me pedia emprego. Então, eu ligava para Brasília e tal. Aquele negócio. Mas como é que o personagem nasceu assim tão pronto? Porque o Chico me mandou pra casa do Haroldo Barbosa. Como eu já disse, essa conexão entre ator e redator era muito boa e criativa. Caso o ator não entendesse, o autor explicava. Era uma dupla. Tudo a quatro mãos. Uma pena que isso tenha acabado. Hoje,

a gente nem sabe quem escreve o roteiro do esquete. O texto chega em nossas mãos e se a gente quer modificar alguma coisa, não pode. Tem de fazer o que está lá, sem discutir.



Zé Bonitinho

Capítulo XXXVII

A Era do Humor

Depois que o Manoel da Nóbrega levou *A Praça da Alegria* para a TV Rio, houve um verdadeiro boom de programas de humor. Era um atrás do outro. Havia o *A Família Boaventura*, *Noites Cariocas* e a própria *A Praça da Alegria*. Aos sábados, tinha *O Riso é o Limite*, onde eu fazia um ladrão de luva branca, inspirado no célebre Raffles, o larápio elegante de E. W. Hornung, que, naquela época, fazia sucesso no cinema na pele de David Niven. Meu personagem era um lorde que seduzia mulheres ricas para roubá-las de todas as maneiras, seja surrupiando suas joias ou fazendo com que pagassem faustos e caríssimos jantares. No domingo, havia dois programas de humor. De manhã, o *Botando Banca*, onde tudo se passava em torno de uma banca de jornal. Neste, eu interpretava o Professor Luizclopédia. À noite, era a vez do *Domingo Alegre*, onde eu vivia o costureiro François Paetê. Com tantos programas divertidos, o ibope da TV Rio subiu e a emissora passou a investir cada vez mais em humor. Isso estimulou outros canais a fazer o mesmo. Saímos da TV Rio e fomos para a TV Excelsior, que, para mim, representa a renovação da TV brasileira. Foi a época dos grandes profis-

sionais de televisão. Fazer um *Time Square*, um *Vovô Deville*, um *My Fair Show* e todos aqueles suntuosos programas musicais não é para qualquer um. O Chico Anísio estava na coordenação geral desses programas. Ele sabia que eu adorava canções, cantores como Maurice Chevalier, comediantes como Danny Kaye, esse pessoal todo, e então me disse que *Vovô Deville* tinha tudo a ver comigo. Aconselhado por Chico, fui à casa de Sérgio Porto, o famoso Stanislaw Ponte Preta, que era um dos roteiristas do programa, trocar algumas figurinhas. Ele me perguntou quais eram minhas ideias. Como eu ia muito ao teatro de revista e ficava fascinado por aqueles caras que cantavam, dançavam, faziam assim e assado, disse que pensava em fazer algo parecido. Sérgio achou genial. Em seguida, fui mais uma vez pedir socorro à minha mãe. Ela tinha uns discos de um cançonetista, que até hoje gosto muito, chamado Alfredo de Albuquerque. Ouvei os discos, ainda aqueles de 72 rotações, da Casa Edson, e adorei. Levei para o Sérgio e ele vibrou. A canção falava de um professor de piano e tal. Eu entrava com minha parte, contava que, um dia, o tal professor chegou à casa da menina para dar aula de piano. A primeira coisa que fez foi botar a batuta pra fora. *Ui, ui, ui...* A menina, ah, meu Deus, tomou um susto. Pudera, ela nunca tinha visto uma batuta! *Ai, ai, ai...* E

a coisa seguia por aí. Depois, descobrimos um grande cantor italiano, Nicola Paone, que tinha a cançõneta do espirro. Adorei aquilo e então virei um humorista cançõnetista, com grande orquestra, sempre bem-vestido, com colete, chapéu, aquela sobriedade toda. Entrava no palco e fazia meu número. Mas para bolar tudo ia à casa do Sérgio Porto, a velha parceria de autor e ator. Ainda na Excelsior, a dupla Miéle e Ronaldo Bôscoli criou um programa para mim chamado *O Ponto é o Rio*. Eu interpretava também um mendigo que ficava na calçada, perto de uma boate, e conversava na maior intimidade com os passantes, que eram artistas famosos como Wilson Simonal, Carlos Lira e outros. Mais um trabalho que adorei fazer.



Zé Bonitinho

Capítulo XXXVIII

A Patota do Imperator

Do lado da TV Rio, havia um botequim chamado Imperator, onde a gente se reunia. Era daqueles que logo ao se entrar já se sente o bafo do mictório. Os programas eram ao vivo, então nós ensaiávamos e íamos pro boteco, até chegar a hora de entrar em cena. A gente almoçava ou ficava por ali tomando um chope e rolavam encontros incríveis. Ciro Monteiro, Lamartine Babo, Silveira Sampaio e até o grande Orlando Silva eram alguns dos frequentadores. O Chacrinha também aparecia. Ele sofria de um problema que os telespectadores nem desconfiavam: sempre tinha dor de barriga antes de entrar em cena. Até o fim da vida foi assim. Já o Silveira Sampaio não sentava nunca. Ele foi um dos maiores atores e dramaturgos que já conheci. Ficava ali me provocando. Costumava dizer que eu era o Silveira Sampaio dos pobres e Jô Soares o Silveira Sampaio dos ricos. Eu gostava do humor dele. A mesa ia ficando comprida à medida que os artistas iam chegando. Ali conheci Tom Jobim, que tocava em uma boate ao lado, a atriz Leila Diniz, o maestro Erlon Chaves e tantos outros. De repente, o assistente de direção entrava esbaforido para avisar que o programa já ia pro ar. A gente então se levantava e ia para o estúdio.

O nome do bar era Imperator, mas para os íntimos era *o bar do peixe*, porque em frente havia uma colônia de pescadores. A gente chamava o garçom e pedia para ele buscar anchova direto da canoa do pescador. Também ali era servido o *chope Orlando Silva*. Era o chope sem espuma porque Orlando só tomava chope se fosse assim. Um dia, o Ciro Monteiro passou mal. Botamos o homem num carro e o levamos, às pressas, ao hospital Souza Aguiar. Quando a gente estava passando pelo Aterro do Flamengo, que era onde ele morava, Ciro mandou parar o carro. Olhou bem em todas as direções do Aterro e disse: *Engraçado, moro aqui há tanto tempo e nunca tinha visto esse jardim*. Um grande amigo, o Ciro. Jamais consegui esquecê-lo. O mesmo posso dizer de Lamartine Babo. Ele não tinha dentes, mas se recusava a usar dentadura. Tinha aquela voz fanhosa genial e cantava pra gente. Compunha ali na nossa frente, fazendo os instrumentos, imitando o trombone, era muito engraçado. Bons tempos o do Imperator. Eu estava começando. Aquela gente toda teve a ver com Zé Bonitinho. Eram meus ídolos. Muita coisa que eu observava ali incorporava depois ao personagem. Era outra época. A gente fazia amigos trabalhando. Hoje entramos em cena e o cara não dá nem bom-dia pra você. Mas a vida é essa. Fazer o quê?

Capítulo XXXIX

Os Verdadeiros

Duas pessoas importantíssimas em minha carreira foram Manuel de Nóbrega e Chico Anísio. Foram os caras que acreditaram em mim. Com eles, tive a minha grande chance. Agora, muitos outros tiveram uma importância indireta. É o caso do Silveira Sampaio. Por isso, quero me estender um pouco mais sobre ele. Para mim, esse cara foi um dos maiores autores teatrais de todos os tempos e um ator excepcional. Fui muito influenciado pelo trabalho dele. Suas peças não são mais representadas por causa de direitos de família, essas coisas, o que é uma pena. Veja só a inteligência desse homem. Fazia um programa na TV que era só ele e o telefone. Discava um número e começava falar coisas assim: *Alô, Brasília? Quero falar com o Presidente. Ele não está? Então chama o Vice-Presidente. Também não está? Então, chama o Presidente da Câmara... Não está? Então, quem governa o Brasil?* Ele tinha esse tipo de humor. Era um gênio. Fazia um humor de primeira linha, um humor inteligente, só ele e um telefone. É o que falta hoje. Inteligência. Acho que devia haver uma escola para que o humorista experiente passasse um pouco do seu talento para os mais jovens. Sobretudo falar desses caras, que foram os construtores do humor brasileiro. Há pouco

tempo, li no jornal que os verdadeiros construtores do Brasil foram Pedro I, Campos Salles, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Se a gente dependesse só dessa turma aí, estávamos fritos. Tem que se falar quem foi Silveira Sampaio. Precisamos lembrar de Oscarito. Esses sim foram os verdadeiros construtores do nosso país.



Zé Bonitinho

Capítulo XL

O Rei do Riso

Por falar em Oscarito, quero contar umas coisas sobre ele também, já que foi outro que me influenciou bastante. Desde garoto, era fã desse cara. Como eu vivia doente, meus pais me levavam ao circo e ao teatro com a intenção de me fazer rir. Só Oscarito me fazia rir pra valer. E quando eu sentia muita dor, aquela dor insuportável, minha mãe imitava o Oscarito. Incorporava o jeito dele, andava de cá pra lá pela casa, fazia caretas. Eu morria de rir e esquecia da dor. Bem mais tarde, quando eu já fazia umas figurações aqui e ali, cruzei com ele nos bastidores. Oscarito me viu atuar e depois me disse: *Menino, você leva jeito!* Nossa! Aquilo para mim foi a glória! Aí, ele me deu um conselho do qual jamais me esqueci. Disse para nunca me achar engraçado: *O dia em que você fizer isso, estará acabado como humorista!*

133

Esse foi meu primeiro contato com ele. Os anos se passaram e acabei me projetando na televisão com o Mendigo e o Zé Bonitinho. Já estava na TV Paulista, que depois virou TV Globo, fazendo um programa com o Chico Anísio, quando Oscarito e Walter D'Ávila estrearam uma peça em São

Paulo. Fui assistir. Para minha completa surpresa, Oscarito adorou quando soube que eu estava na plateia. Fez questão de me cumprimentar no final do espetáculo porque gostava do Zé Bonitinho e admirava meu trabalho na televisão. Só que não me associou ao jovem iniciante que ele havia aconselhado anos atrás. Fiquei tão emocionado que não consegui dizer nada. Permaneci ali diante dele, estupefato. Oscarito ainda pediu desculpas porque estava com problemas de voz: *Logo hoje, que você veio me ver...* Imagine que ironia. Meu ídolo me pedindo desculpas.

Capítulo XLI

Olho Vivo

É engraçado. Ao mesmo tempo que sou desorganizado e dispersivo, sou profundamente observador. Penso que essa seja uma característica comum aos atores. A gente vai desenvolvendo um olho clínico. Veja só que interessante. Quase não assisto novela, não tenho muita paciência. A única que acompanhei foi *Pantanal* por causa da beleza das locações. Mas uma amiga seguia *A Favorita* e todo mundo estava naquela de tentar descobrir quem era o assassino. Assisti a um capítulo e tive certeza de que era a personagem de Patrícia Pillar. Matei a charada analisando apenas o olhar da atriz. Vi que ela concentrava toda a sua força de interpretação nos olhos. Ela era aquele olhar, tinha olhos de assassina. Apostei com minha amiga que a personagem de Patrícia era a vilã e não deu outra. Depois, todo mundo ficou sabendo. Descobri primeiro analisando com olhos de ator. É que eu tenho uma coisa com isso do olhar. Numa gravação de Zé Bonitinho, no SBT, eu dizia à garota que era treinadora de olimpíada e que ela ia fazer levantamento. Daí, ela me perguntava: *Levantamento de quê?* E eu não respondia nada, ficava só no olho e a plateia caía na risada. Exploro muito o olhar.

Muitas vezes, dizia à minha mãe que queria desistir da vida artística, que era um trabalho difícil e estressante. Ela me respondia que eu não podia fazer isso de jeito nenhum porque era uma missão que Deus havia me dado. Dizia que Grande Otelo, Golias, Chico Anísio e os comicos em geral eram missionários, tinham um dever a cumprir. Eu que parasse para pensar na alegria que levava a milhares de pessoas que me viam na televisão ou naquelas que eu visitava em hospitais, asilos e penitenciárias. Dizia que Deus havia me habilitado com instrumentos para isso. Quem sabe, o senso de observação seja um desses instrumentos. De qualquer modo, não desisti. Aqui estou eu. Firme.

Capítulo XLII

Salve, Jorge!

Sou muito ansioso. Quando recebo um texto para ensaiar, quero aprender na hora. Leio, leio, leio... Decoro tudo e depois transformo essa decoreba em automatismo. Quando sinto que estou seguro, começo a criar em cima. A ansiedade passa e as ideias vão surgindo naturalmente. Para mim, o texto é um dragão que tenho de dominar. Depois de dominado o dragão, começo a inventar. Vai ver que é por isso que meu nome é Jorge.



Zé Bonitinho

Capítulo XLIII

Bellissimo!

Sempre fui louco pelo trabalho do ator italiano Vittorio Gassman. Alguns de seus filmes são os meus prediletos até hoje, como *O Incrível Exército de Brancaleone* e, principalmente, *Aquele que Sabe Viver*, que tem uma das cenas mais célebres e divertidas da comédia italiana. É quando ele está dançando com uma jovem e a moça, surpresa, sente uma coisa crescendo lá embaixo. A única desculpa que o personagem dá é a frase: *Modestamente!*. Um dia, abro o jornal e descubro que Gassman estava no Rio de Janeiro e iria se apresentar no Teatro Municipal. Comprei ingressos logo nas primeiras filas. Quando acabou o espetáculo, saí do teatro embevecido com a atuação daquele monstro sagrado do cinema italiano. Saí querendo ser ele. Um pouco mais tarde, fui à boate Fred's, onde eu trabalhava num espetáculo de Carlos Machado chamado *Lady de Araque*, uma paródia ao famoso musical *My Fair Lady*. Eu fazia uma espécie de mestre de cerimônias e amarrava todo o *show*. Como sempre havia um número grande de turistas na plateia, a abertura era feita em inglês e francês: *Ladies and gentlemen... Dames et monsieurs...* Foi aí que aconteceu uma baita coincidência.

Estava no camarim, começando a me maquiar, quando o *maître* Alfredão entra esbaforido dizendo que eu fizesse a abertura também em italiano porque o Vittorio Gassman estava na plateia. Rapaz, que coisa maluca! Havia acabado de assistir ao homem e agora era ele quem me assistia! Entrei em cena tremendo nas bases. Que resposta! No final, o Vittorio quis me conhecer e foi levado ao camarim pelo Carlos Machado. Entrou já me abraçando e dizendo: *Bellissimo! Questo è commedia dell'arte!*, com aquela sua voz potente. Acontece que meu camarim era o único que tinha água quente e as vedetes, uma mais estonteante do que a outra, usavam meu chuveiro. Vendo aquele entra e sai, Vittorio não arredou mais o pé dali. Até que entrou uma mulata descomunal, daquelas bem brasileiras, e ele não se conteve: *Ma che bella donna!* Esperou que a moça saísse do banheiro e convidou-a para jantar. Na época, eu tinha um *affair* com a coreógrafa do *show*. Então, fomos os quatro ao La Fiorentina e a noite acabou assim.

Capítulo XLIV

Nos Palcos da Vida

Depois de minha estreia no teatro com *Romeu e Julieta*, logo passei para a televisão e fiquei um tempo longe do chamado *teatro sério*, porque dos palcos, no sentido mais amplo, nunca me afastei, graças a Deus. Fiz muitos *shows* em boates, cassinos, em todo canto. E teatro de revista também, que já era outro lance, espetáculos com *girls*, música, dança, e que, em geral, tinham nomes debochados. Mas, em 1959, voltei ao *teatro sério* fazendo o Cristo negro em *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. O Agildo Ribeiro era o Chicó e o Jô Soares fazia o bispo. Não fiquei exatamente negro porque o Erick Rzepeck, o maquiador polonês que fez escola no Brasil, inventou uma maquiagem que me deixava meio cor de canela. Foi uma experiência maravilhosa. Muito tempo se passou até que a atriz Andréa Beltrão me chamasse para integrar o elenco do musical infantil *Eu e Meu Guarda-chuva*, de Hugo Possolo e o titã Branco Mello. Foi outra temporada de muito sucesso. Eu fazia DJ Mister Jean, um personagem que existia na imaginação de um garoto. Eu cantava, dançava e... bruxoleava! Engraçado que, durante os ensaios, não conseguia encontrar a voz do

personagem. Para explicar o que aconteceu, preciso dizer que sempre gostei de palhaços; desde menino, tinha fascinação por eles, que, em geral, tinham sotaque forte porque eram argentinos ou italianos. No dia da estreia da peça, quando entro em cena, encontrei, finalmente, a voz que procurava. Saiu espontânea. Era uma voz de palhaço. Fui muito aplaudido. Fazia o personagem com a minha cara mesmo, o que me deu um enorme prazer. Uma bela oportunidade de mostrar que sei fazer outros papéis além do Zé Bonitinho. Aí, aconteceu algo inesperado. A jornalista Susanna Lira e o produtor Tito Lopes foram assistir ao espetáculo. Nem sabia que eles eram meus fãs. Saíram tão animados com o meu desempenho, que resolveram fazer um documentário contando a minha história. Assim nasceu o *Câmera, Close!*, que estreou no canal GNT, em 2005. Ficou bem bacana. Tinha até um depoimento de minha mãe, na época com 98 anos, que acabou não entrando na edição final.

Capítulo XLV

Plano-Sequência

Em 1960, fiz minha estreia no cinema ao lado de Ankito, no filme *Sai Dessa, Recruta!*, dirigido por Hélio Barroso. Eu fazia um soldado pirado que ia preso e tinha delírios na prisão. No elenco estavam também Consuelo Leandro, Renato Restier e outros nomes de peso. Dois anos depois, voltei às telas com *Testemunhas não Condenam*, de Zélia Costa, uma precursora das mulheres na direção. Em 1967, participei de um filme muito divertido chamado *A Espiã que Entrou em Fria*, com direção de Sanin Cherques. Era uma paródia daqueles filmes do James Bond, que estavam no auge. O título é um deboche ao *O Espião que Saiu do Frio*. Eu interpretava um agente que queria roubar uma tal fórmula Sigma-Alfa, uma piração assim. Agildo Ribeiro, Carmen Verônica e outros craques do humor também estavam no elenco. Fiquei um tempo sem filmar até que nos anos 70 recebi um convite do Rogério Sganzerla. Era um lance bem diferente do que eu havia feito até então porque o Rogério era um daqueles caras do cinema marginal. Ele me dirigiu em dois filmes. O primeiro foi *Sem Essa, Aranha*, em 1970. Já tarde da noite, tocaram a campainha. Olhei pelo olho mágico e vi um

rapaz cabeludo do outro lado. Fiquei meio desconfiado, mas abri a porta. Era Sganzerla, que já foi entrando e falando que gostaria de fazer um filme comigo e não sei quê. Explicou que vinha pensando num personagem que tivesse algo de Zé Bonitinho e que eu seria perfeito para o papel. Eu topei e fomos em frente. Foi legal trabalhar com ele. Tudo era muito improvisado e como adoro um improviso, deu tudo certo. Sganzerla era meio delirante e eu também sou. Ele deve ter gostado do resultado porque, alguns anos depois, chamou-me para filmar *Abismu*, que foi lançado em 1978. É um filme místico, que fala de um manuscrito de uma antiga civilização. Tem muita falação, longos monólogos, outra vez o monólogo na minha vida. Eu vou andando e falando. Sganzerla dizia: *Vamos usar bastante o plano-sequência, ninguém faz isso no Brasil.* Então, a gente fez.

Capítulo XLVI

Muito à Vontade

Em 1978, filmei *Tudo Bem*, dirigido pelo Arnaldo Jabor. Faço um integralista. É um papel pequeno, mas quem assistiu sabe que o clímax do filme depende do meu personagem. Quase não tenho falas. O Jabor explorou muito meu gestual e meu olhar. Gostei muito de ser dirigido pelo Jabor. Ele é aquele tipo de diretor que ensaia abraçado com o ator, vai conversando, vai amoldando o ator ao personagem e o ator vai se entregando, vai crescendo e, quando assiste ao resultado da cena, nem acredita que foi capaz de fazer aquilo. No final, quando terminei a cena, o Jabor me aplaudiu. Quer dizer, ele é um grande diretor. É uma alegria trabalhar com um cara genial assim. Depois de *Tudo Bem*, fiquei com muita vontade de voltar a filmar com ele. Por sorte, tive essa chance. Acabamos de fazer *A Suprema Felicidade*. Meu papel é engraçado. Interpreto um padre que dá aulas de catecismo. Atuo com meu rosto mesmo. Eu me senti muito à vontade nas duas vezes em que fui dirigido pelo Jabor. Mais do que isso: eu me senti ator. Gostaria de fazer cinema sempre.



Zé Bonitinho

Capítulo XLVII

Quando o Tempo Cair

Fui entrevistado pelo Selton Mello no programa *Tarja Preta*, do Canal Brasil. Ele havia me visto no filme do Rogério Sganzerla e aí me perguntou por que eu não fazia mais cinema. Eu disse que não fazia simplesmente porque não me convidavam. Sempre adorei cinema. O Selton me convidou então para fazer um curta-metragem e assim nasceu *Quando o Tempo Cair*, lançado em 2006. Faço um aposentado que tenta voltar ao mercado de trabalho para sustentar o filho e o neto. Foi o primeiro trabalho de direção dele. E vou dizer um negócio. Como ator, todo mundo sabe que ele é maravilhoso. Mas é um ótimo diretor também, da mesma escola do Jabor. É talentosíssimo. Sabe conduzir o ator, conversa, envolve. Adorei trabalhar com ele e gostaria de repetir a experiência. Por esse trabalho, ganhei o troféu Marlin Azul, no 13º Vitória Cine Vídeo. Não tenho dúvida de que o Selton será um dos grandes diretores do cinema brasileiro.

147

Ele falou de mim para a diretora Laís Bodansky e o resultado foi que ela me escalou para o *Chega de Saudade*, que foi lançado em 2008. O filme todo acontece em uma só noite e mostra um

baile de terceira idade. O elenco é primoroso, tem Tônia Carrero, Beth Faria, Leonardo Villar. Pega até mal destacar apenas alguns. Eu faço Dionísio, um homem que volta a frequentar o baile depois de colocar ponte de safena. Na minha juventude, fui a muitos bailes e o filme retrata muito bem a fineza que havia naquela época, a gentileza com que as damas eram tratadas. A Laís conversou bastante comigo para a construção do personagem. Gostei demais de trabalhar com ela. É outra diretora sensível da nova geração. Eu, que já havia trabalhado com Zélia Costa, lá nos anos 60, achei muito emocionante ser dirigido por uma jovem talentosa.

Capítulo XLVIII

Divino Humor

Não tenho religião. Já percebeu que não há humor nos livros sagrados? O humor é sátira, crítica, liberdade. E religião é ditadura, não gosta de crítica nem sátira. Há pouco tempo li um artigo que dizia que o Einstein achava a Bíblia o melhor livro de história infantil que havia lido. A Bíblia é o medo. Lá tudo é proibido, é castigo, severidade. Mas se acreditar em Deus é religião, então sou religioso. Fui criado dentro de um ramo do espiritualismo chamado Racionalismo Cristão. É mais filosofia do que religião. Li muito sobre isso e passei a acreditar que o mundo é energia. Nós somos energia. Quando era garoto, gostava de brincar de galinha-choca. A gente pegava um pedaço de jornal, punha fogo e ele flutuava no ar por alguns segundos. O papel ia queimando e a fumaça subia até desaparecer. Até que um dia bateu-me o seguinte: o papel queimado que cai no solo é a matéria, o corpo da gente, e a fumaça que some é energia. Quando a gente morre, a energia sai do corpo e vai parar em algum lugar. É uma energia que paira. Para mim o Universo é pura energia. Tenho medo da morte não porque seja um bicho-papão, mas pela ideia do desconhecido. Voltaire, que era um crítico da Igreja

e da religião, pediu a presença de um padre na hora da sua morte. Eu vejo isso assim. Quem é que a gente gosta mais em nossa vida terrena? O nosso pai. Então, quando a gente morre quer voltar a ele. Talvez fosse isso o que Voltaire queria quando pediu o padre. Porque fomos criados por nosso pai terreno. O Pai Celestial gosta dos comediantes? Eu acho que deve gostar, porque o comediante diz a verdade. Mesmo brincando, diz a verdade. Talvez, por essa razão, Ele tenha me feito sofrer tanto com a osteomielite. Para que por meio dela eu fizesse humor. E, pelo humor, levar alegria às pessoas.

Capítulo XLIX

A Velhice é uma Arte

Eu não tinha noção de que estava envelhecendo. Só me dei conta disso quando fazia uma cena do Zé Bonitinho em *A Praça É Nossa*. A menina que contracenava comigo não seguiu uma marca e eu caí. Na hora, senti um pouco de dor, mas depois passou. Voltei pro hotel onde sempre me hospedo quando venho a São Paulo, mas no dia seguinte não conseguia me levantar. Fui levado ao hospital, o medico fez uma série de exames e concluiu que eu tinha quebrado as costelas por causa de osteoporose. Aí descobri que estava envelhecendo. Osteoporose é doença de velho. Estou me tratando, mas por questão de precaução tenho trabalhado com colete ortopédico. O médico disse que não preciso disso, mas eu uso. Me sinto mais seguro. Cheguei a dizer ao Carlos Alberto da Nóbrega que queria parar de fazer o Zé Bonitinho. Fiquei me questionando se ele ainda convenceria como conquistador. Tive medo do ridículo. Mas depois de aceitar que os personagens também envelhecem, comecei a me adaptar à nova situação. Passei a ler mais sobre a velhice. Descobri essa coisa de reposição de testosterona, que eu nem sabia que existia. Para sanar algumas dúvidas, procurei ajuda psi-

cológica. Hoje, estou numa boa, sem depressão. Só descobri que agora tenho limites. Deixei de fumar, me aposentei da advocacia, desacelerei minha vida. Estou fazendo fisioterapia respiratória e reaprendendo a respirar. Antes de entrar em cena, faço uma inalação. De certo modo, sempre convivi com limites por causa da osteomielite. Então, estou aceitando naturalmente essa nova fase da minha vida. Isso não significa que entreguei os pontos. Não tenho vocação pra velhinho. Estou sempre trabalhando. E pra falar a verdade, envelhecer exige talento. É uma arte, sabia?

Capítulo L

Unindo Gerações

Não tem quem não conheça o Zé Bonitinho no Brasil. Ele é ao mesmo tempo popular e *cult*. Continuo fazendo o personagem até hoje, o que me surpreende. Falo sinceramente. Não é falsa modéstia. Essa longevidade dele me espanta. Às vezes, sou abordado no aeroporto por pessoas de cabeça branca como a minha e que dizem que eu as fiz rir quando eram jovens. Outras vezes, apresentam-me aos netos: *Sabe quem é esse moço?* O garoto olha pra minha cara e não me reconhece. Daí o avô diz: *Ele é quem faz o Zé Bonitinho na televisão.* E o garoto, desconfiado: *É ele?* Então, faço a voz ou os trejeitos do Zé Bonitinho. O moleque na mesma hora abre o maior sorriso.

153

Em 2000, estava lá fazendo *A Escolinha do Barulho*, na TV Record, quando fui convidado para entregar um prêmio de música na MTV. Na plateia, só moçada. Fiquei surpreso com a maneira como fui acolhido. Meu camarim foi invadido por uma garotada de 20 anos, todos eles no maior entusiasmo comigo. Perguntei por que gostavam tanto assim do Zé Bonitinho. Um deles me respondeu que era porque ele parecia um

personagem de desenho animado, uma figura de HQ, uma caricatura, enfim. Então penso que é isso. O Zé Bonitinho tem a dimensão de um mito. Está no inconsciente coletivo. Todo mundo tem um lado meio Zé Bonitinho. Acho que é por isso que as pessoas gostam e se identificam com ele. Essa admiração é passada de uma geração a outra. Espero emplacar a quarta geração. Se não me chamarem antes.

Capítulo LI

Fim de Papo

Gostaria muito que meus pais estivessem aqui para ler este livro comigo. Imagino que a reação de meu pai, que morreu antes de ver meu sucesso na televisão, seria de estupefação. Para ele, eu era apenas um garoto doente. Então, a surpresa seria grande caso lesse o que contei aqui. Mas a da minha mãe, não. Penso que ela diria apenas: *Não disse?*

Vocês sabem quem é este macaco, hein ?



Éis o impagável Jorge Lorêdo caracterizado como Simão, o Macaco, personagem de destaque do programa "A Escolinha do Juju", que o canal 13 está levando ao vídeo dos telespectadores cariocas todas as terças-feiras, às 18,35.

Jorge Lorêdo, cujas atuações nos programas de TV vêm numa ascendência contínua, tem em "A Escolinha do Juju" oportunidade para demonstrar a sua grande classe de ator cômico. Simão, o macaco, o personagem que ele vive neste programa, é responsável por um sem número de boas gargalhadas que semanalmente os telespectadores emitem às 18,35 das terças-feiras.

Todos devem lembrar-se de trabalhos anteriores de Jorge Lorêdo. Se os anteriores foram o que já sabemos, que dizer do presente, se neste ele está mais hilariante do que nunca?

Como Simão, o macaco

“LORÊDO ACONTECE”

TÔDAS AS QUINTAS-FEIRAS

AS 20:45 hs., no CANAL 5

UM GENTIL OFERECIMENTO DE

COLÔNIA EXTRATO **RAQUETTE**

CRIAÇÃO DE Elsie Claire

PERFUMISTA INTERNACIONAL

Matérias sobre Jorge Loredó



jorge lorêdo

Jorge Lorêdo, entre Maria Sorbille, atriz argentina de televisão e foto-novela, a loura, e Dalila, a «portuguezinha».

Matérias sobre Jorge Loredo



ZÉ BONITINHO PENSOU QUE ESTAVA NO OUTRO MUNDO



nal quando, talvez, já não se pudesse fazer: mais nada. Mas graças a Deus e aos médicos que me operaram, aqui estou contando este caso.

Ainda havia tempo e, como a turma continuasse esperando mais alguma coisa, Jorge Lorédo prosseguiu:

— Outro caso que me aconteceu, aqui mesmo no programa "Vovô Deville", e que até hoje me deixa com um apêrto na garganta, quando lembro. Minha mãe morava em Campo Grande, e eu passei muito tempo sem vê-la. Essa vida agitada, os compromissos, o tempo ia passando e eu sempre adiando a visita à pobre velha. Só sabia que de vez em quando ela telefonava para minha casa sem jamais me encontrar. Pois numa noite, eu tinha feito um ótimo ensaio do meu quadro, e quando chego ao palco, para apresentar, quem e que vejo sentadinha na segunda fila, toda humilde e batendo palmas para mim? Minha querida mãezinha. Senti um apêrto no coração, perdi completamente o controle. A cena cômica saiu uma porcaria, e depois do programa o diretor ficou brabo comigo, querendo saber o que tinha havido. Então eu contei.

Lorédo suspira concluindo:

— Meus amigos, gostariam de ouvir mais alguma coisa?

Todos foram se dispersando em silêncio, a cigarra do estúdio chamando para o ensaio. Lorédo ficou por último, limpando com o dedo uma lagrimazinha que lhe descia na face...

★

Na TV ele é assim: um galã irresistível que não dá "cofher-de-chá" às muitas fãs...





SHOW

NEY MACHADO

Pontal, Hi-Fi e Outras Notícias

SABADO último, os sócios proprietários e convidados do Pontal Praia e Country Club ganharam um «show» inesperado com a chegada de artistas famosos: Colé, Jorge Loredo («Zé Bonitinho»), Carlos Melo, Marivalda e Ruth Lima. O revistógrafo Mário Meira Guimarães também compareceu para reforçar o «scratch». Se os sócios se encantaram com os artistas, não foi menor o encanto destes com o «show» que o novo clube do Recreio dos Bandeirantes oferece aos seus frequentadores, um clube que já nasceu pronto, com campos de futebol e volei, picadeiro, piscina, «boite», restaurante, lago e suas matas com 172 mil metros quadrados. Praticamente, nada a construir, tudo pronto e bem cuidado para a comodidade dos seus proprietários.

Matérias sobre Jorge Loredo

*

Lorge Loredó e sua senhora, a bailarina Ruth Lima, do Teatro Municipal, também foram convocados para a «partida do século». O Loredó conseguiu abandonar a quadra, misteriosamente, colocando a Marivalda no seu lugar; Ruth Lima agüentou o «rush» até o fim, não pegava a bola mas também não atrapalhava. O seu lugar preferido era num ponto fora da quadra, num pedaço de sombra.

Matérias sobre Jorge Loredó



ZÉ BONITINHO EM NOVO RITMO — Jorge Laredo, aliás Zé Bonitinho, está de segunda a sexta-feira a partir das 17,30 horas na TV Tupi envolvido nos mais intrincados dramas de espionagem. O Agente Atômico Zé Bonitinho pinta o set com os "Agentes da Âncora", utilizando os mesmos princípios verdadeiros das nações democráticas e não democráticas. O programa merece ser visto e vai de vento em pópa

Os Agentes da Âncora, na TV Tupi

Cronologia

1925

Nasce em 7 de maio, em Campo Grande, Rio de Janeiro.

1945

Começa a trabalhar no Banco Holandês Unido.

1957

Forma-se em Direito pela Faculdade do Catete (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ).

1958

Lança o personagem Mendigo em *A Praça da Alegria*, dirigido por Manoel da Nóbrega, na TV Rio.

163

1959

Lança o personagem Zé Bonitinho no programa *Noites Cariocas*, dirigido por Chico Anysio, na TV Rio.

1960

Estréia no cinema com *Sai Dessa, Recruta!*, dirigido por Hélio Barroso. Com Ankito, Consuelo Leandro, Renato Restier e outros.

Grava *O Rock do Zé Bonitinho*, de João Adelino Brito e Fernando César, na Columbia.

1967

Integra o elenco do filme *A Espiã que Entrou em Fria*, com direção de Sanin Cherques.

1970

Estréia no cinema marginal em *Sem Essa, Aranha!*, com direção de Rogério Sganzerla.

1975/1976

Participa da revista musical *Tocando na Bandinha Dela*, no Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro.

1978

É novamente dirigido por Rogério Sganzerla no filme *O Abismo*.

164

Integra o elenco do filme *Tudo Bem*, dirigido por Arnaldo Jabor. Com Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Paulo Gracindo, José Dumont e outros.

1981

Participa do humorístico *Reapertura*, no SBT.

Participa do humorístico *Alegria 81*, na TVS, e, no ano seguinte, do *Alegria 82*, na mesma emissora.

1987

Integra o elenco do programa *Domingo de Graça*, na TV Manchete. Com Costinha.

1989

Participa do programa *Só Riso*, da Rede Bandeirantes de Televisão, em São Paulo, ao lado de José Vasconcelos, Lilico, Costinha e outros.

1991

Integra o elenco do programa *A Escolinha do Professor Raimundo*, na TV Globo, comandado por Chico Anysio e dirigido por Cininha de Paula, Cassiano Filho e Paulo Ghelli.

1999

Integra o elenco do programa *Escolinha do Barulho*, da TV Record, dirigido por Homero Salles. Com Castrinho, Rony Cócegas, José Vasconcelos e outros.

165

2003

Integra o elenco de *Eu e Meu Guarda-chuva*, ópera-rock infantil de Branco Mello e Hugo Posolo, com direção de Maurício Farias e Vicente Barcellos. Com Andréa Beltrão.

2005

Estréia do documentário *Câmera, Close!*, de Susanna Lira, no canal HBO.

2006

Interpreta o papel principal de *Quando o Tempo Cair*, curta-metragem dirigido por Selton Mello.

2007

Abandona as gravações da série *Alice*, da HBO, dirigida por Karim Aïnouz, por motivo de saúde, depois de participar de um único capítulo.

2008

Integra o elenco do filme *Chega de Saudade*, com direção de Laís Bodanzky. Com Betty Faria, Tônia Carreiro, Leonardo Villar e outros.

2009

Ganha o troféu Marlin Azul, no 13º Vitória Cine Vídeo, por sua atuação no curta *Quando o Tempo Cair*, de Selton Mello.

166 Começa a filmar *A Suprema Felicidade* sob direção de Arnaldo Jabor.

Agradecimentos do Autor

Adriana Franco, da Souza Franco Comunicação;
Susanna Lira, Vilma Pavani, João Lorêdo e Vilmar
Ledesma.

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – Cláudio Fragata	13
Prólogo, não: Monólogo	21
Criador e Criatura	23
O Perigote das Mulheres	25
Parece Comédia	31
Toques de Mestre	35
Luzes da Ribalta	37
Ganhando um Tempo	39
Atrás da Máscara	43
Curado, enfim	45
Aurora da minha Vida	47
A Alma Boa de Mamãe	51
Caindo no Samba	53
Primeiro Amor	55
I Love you, my Love	57
Palmas! Palmas!	59
Doutor Loredo	61
Prezados Ouvintes	65
Só Pensando Naquilo	69
Primeiro Casamento	71

Segundo Casamento	75
Terceiro Casamento	79
Em Busca da Luz	83
Tisou, meu Filho!	87
Coisas do Além	89
Talento Mudo	91
Conde Paspalham	95
O Homem do Caroço	97
Um Parêntesis	99
O Primeiro Personagem	101
Mulher Fatal	105
A Hora e a Vez de Zé Bonitinho	109
Nasce uma Estrela	115
Primeira Página	117
Esclarecimento	119
Inflexão é Tudo	121
A Quatro Mãos	123
A Era do Humor	125
A Patota do Imperator	129
Os Verdadeiros	131
O Rei do Riso	133
Olho Vivo	135
Salve, Jorge!	137

Bellissimo!	139
Nos Palcos da Vida	141
Plano-Sequência	143
Muito à Vontade	145
Quando o Tempo Cair	147
Divino Humor	149
A Velhice é uma Arte	151
Unindo Gerações	153
Fim de Papo	155

Crédito das Fotografias

Todas as fotografias pertencem ao acervo de Jorge Loredó, salvo indicação em contrário

Maurício Coelho 22, 26, 29, 110, 112, 113, 114, 118, 124, 128, 132, 146

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Mauricio Arruda, José Roberto Torero, Mariana Veríssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck;
Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas
no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do

Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 192

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Selma Brisolla
	Sandra Regina Brazão
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Fragata, Cláudio

Jorge Loredo : o perigote do Brasil / Cláudio Fragata -
São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo , 2009.
192 p. il. - (Coleção aplauso. Série perfil / coordenador
geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 978- 85-7060-787-4

1. Atores brasileiros – Biografia 2. Humoristas brasileiros
– Biografia 3. Zé Bonitinho (Personagem) 4. Loredo, Jorge,
1925 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Humoristas brasileiros : Biografia 791. 092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

|imprensaoficial

No Brasil não há quem não conheça **Zé Bonitinho**, o homem de topete colossal, flor na lapela, óculos enormes e bordões inesquecíveis como *Garotas do meu Brasil*, *Câmera, Close!*



Cult e popular ao mesmo tempo, até hoje na *Praça é Nossa*, do SBT, ele é o alter-ego do ator e humorista **Jorge Loredo**.

Sua história é contada neste livro-depoimento do escritor e jornalista **Cláudio Fragata**. Nascido no subúrbio carioca de Campo Grande em 1925, sofreu durante muitos anos de uma doença chamada osteomielite, teve três casamentos, filhos, uma carreira como advogado e a ajuda de organizações como *Neuróticos Anônimos*, *Alcoólicos Anônimos* e até *Dependentes de Amor e Sexo Anônimos*.



É uma trajetória inédita e fascinante, onde você também vai conhecer outros personagens de Loredo: o costureiro *Charles Paetê*, o mendigo *Aristocrata*, o professor de português *Luizclopédia*.



Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu trabalho de preservação e regate da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-787-4



9 788570 160787 4